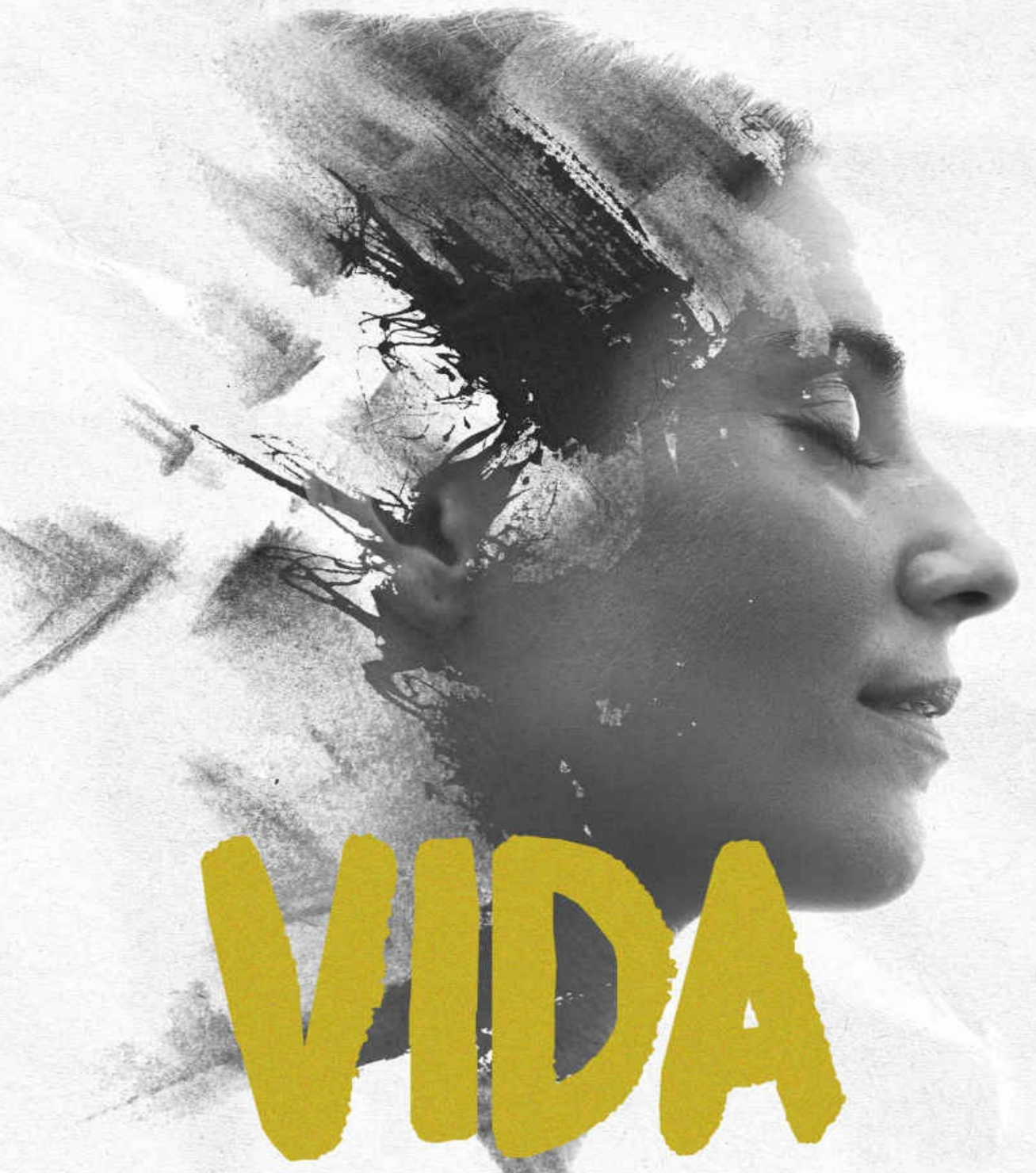


Dani Assis

A black and white artistic profile of a woman's face, looking upwards and to the right. Her hair is dark and styled in a dramatic, messy updo with long, wispy strands. The background is a soft, out-of-focus light gray.

VIDA



*Agatha foi capaz de lhe devolver a vida.
Agora é Oberon quem precisa provar o seu amor.*



Sumário

Sumário

[Nota da autora](#)

[Parte I](#)

[Parte II](#)

[Parte III](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça também](#)

[Biografia](#)

[Redes Sociais](#)

Dani Assis

VIDA

Vida
Copyright © 2020 Dani Assis

Todos os direitos desta
obra são reservados à autora

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora. O compartilhamento deste livro em quaisquer meios digitais ou físicos configura crime, ferindo a lei de direitos autorais. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei número 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais são meras coincidências.

Nota da Autora

Vocês não têm ideia da quantidade de pedidos que recebi — desde a publicação de Sem Vida no final de 2017 —, para que eu trouxesse Agatha e Oberon “de volta à vida”. Foram muitos pedidos e, todos eles me deixaram extremamente feliz, porque mostram como vocês amam esses personagens.

Demorei um pouco para voltar, mas quando voltei, todo o amor que senti anos atrás ressurgiu com ainda mais força; é inexplicável como Oberon e Agatha são especiais. Eles erram e acertam, e isso os tornam tão reais, tão parecidos com a gente.

Este conto foi escrito unicamente para diminuir a saudade de vocês, e para que pudessem participar um pouquinho mais da vida deles.

Espero que gostem!

Dani Assis

OBERON

Sou viciado nos sorrisos de Agatha, quando a conheci não entendia por que essa mulher passava o dia com esses lábios distendidos, sorrindo para tudo e para todos. E mesmo ela reconhecendo toda a escuridão que me circundava, ainda assim, Agatha não economizava no brilho de seus sorrisos.

Chegou ao momento em que eu dormia e acordava esperando pela luz que ela derramava sobre mim. Ansiando por suas perguntas impertinentes, seu ar divertido, a mulher que me tirava do sério e, ao mesmo tempo, libertava-me de anos e anos de tristeza e solidão. Ainda hoje, sou como uma abelha atraída pelo mel de suas palavras.

É por isto que me dói tanto vê-la nessa tristeza, porque Agatha não é assim. Vejo sua luz diminuir dia a dia, desde que o telefone tocou e a notícia de que seu pai havia sofrido um infarto e não sobrevivido chegou até nós. Sei melhor do que ninguém como a dor da perda é cruel, como ela te fere, te desnorteia, te tira o chão.

No entanto, nem de longe Agatha se parece comigo. Ela é forte, é a mulher mais forte que conheço. O que está acontecendo me assusta, assusta mais do que tudo, porque eu não sei como resgatá-la para os dias alegres de sorrisos iluminados. Agatha está reflexiva, ela pouco fala o que tanto pensa ou sente.

— Está com sono? — pergunto. Ela nega com a cabeça recostada no banco.

Faz dois meses que seu pai morreu, durante este período ficamos com sua mãe, era necessário ajudar Dora que não sabia o que fazer. Durante a vida, o pai de Agatha sempre resolveu tudo dentro de casa, era ele quem controlava o dinheiro, as contas... Dora além de sofrer o baque da perda repentina do marido, ainda teve de fazer uma imersão para ser capaz de administrar sozinha sua casa.

Foi dolorido assistir Agatha e Dora se despedirem, elas choraram abraçadas por longos minutos. Mas precisávamos voltar para casa, deixamos o trabalho no estúdio em suspensão neste período, além dos exames mais detalhados da gravidez que Agatha precisa realizar ainda nesta semana, já que acabara de entrar na última fase da gravidez.

— Vou parar um pouco para a gente descansar — aviso, tocando sua perna. Embora ela não me peça, não pergunte e nem reclame de nada ultimamente, eu sei que está exausta.

Percebo que estamos na mesma estrada onde o hotel em que ela me beijou pela primeira vez fica. Quando o avisto, sorrio diante a oportunidade, talvez ela se anime ao se hospedar nele mais uma vez, ou talvez odeie e brigue comigo pela escolha inoportuna.

Não importa, desde que Agatha esboce alguma reação.

Saio da rodovia e acesso o estacionamento do hotel. Agatha arregala os olhos observando ao redor, ela delineia um sorriso fraco, apenas um leve mexer de lábios, mas suficiente para trazer esperança e calor ao meu coração.

— Por que parou aqui? — pergunta ela, acarinhando sua barriga.

Dou de ombros antes de responder.

— Foi aqui que você me beijou pela primeira vez, lembra? — investigo, roçando a barba em meu rosto, tão inseguro quanto um adolescente recém-apaixonado.

— Eu? — indaga ela, levando uma mão ao peito, fingindo-se desentendida. Meu peito bate mais forte ao notar um vislumbre do que ela é em sua essência, a mulher divertida com aquela pitada irônica que eu tanto amo.

— Tudo bem ficarmos aqui? — questiono, ainda duvidoso se esta foi uma boa ideia.

Agatha inspira demoradamente, olha para fora do carro mais uma vez, em direção ao bar onde arrebentei o idiota que tentou mexer com ela.

— Não tenho certeza. Este lugar me lembra que você me deixou sozinha em Pieza com um punhado de notas na mão. Entrou em seu carro e foi embora sem nem olhar para trás.

Aperto meus olhos. Tanta coisa para recordar, e ela se lembra justamente do momento em que fui um completo babaca.

— Aí você me deixou sozinha de novo para ir ao bar — diz ela, apontando para o boteco distante uns cinquenta metros do hotel.

— Acho melhor seguir para outro lugar — murmuro, girando a chave e religando o carro, pronto para engatar marcha ré e voltar para a estrada.

Agatha repousa uma mão em meu braço e acena com a cabeça dizendo que não.

— Vamos ficar, talvez esteja disponível a mesma suíte em que acordei com uma ressaca horrível e uma vergonha astronômica por ter beijado você? — rebate, esboçando um meio sorriso.

Não desvio meu olhar do dela, e não evito o sorriso imenso que se abre em meu rosto. Desço e dou a volta no carro, abrindo sua porta para ampará-la, sua barriga está cada dia maior e às vezes precisa de uma ajuda para se levantar.

Na recepção, Agatha sinaliza a suíte que ocupou daquela vez, e por

sorte está vazia. Caminhamos juntos até estarmos em frente à porta, ela a destrava e antes de girar a maçaneta nos entreolhamos por mais alguns segundos.

É difícil precisar o momento exato pelo qual me apaixonei por ela, foi um caminho construído aos poucos. No entanto, tenho quase certeza de que a primeira pedra desse caminho foi assentada quando seus lábios tocaram os meus dentro desta mesma suíte. Eu nunca vou me esquecer daquele dia; ela bêbada e trançando as pernas, fazendo-me um milhão de perguntas, e exigindo respostas das quais eu não tinha a menor ideia.

Agatha empurra a porta que range ao se movimentar, ambos entramos e a sensação é como se tivéssemos regressado no tempo.

— É estranho — diz ela, caminhando pelo cômodo.

— Parece que foi ontem, não é? — examino, pressentindo que ela sinta o mesmo que eu. Agatha meneia a cabeça em concordância e anda até mim. Erguendo uma das mãos, toca minha barba, exatamente como fez naquele dia.

— Toda vez que eu a toco, lembro daqui, sabia? Lembro da primeira vez que fiz isto, lembro do toque macio... da sensação de senti-la entre meus dedos.

Agatha possui um magnetismo que me mantém refém de seus toques, de seus olhares, de sua voz, de seus beijos... Quando ela me encara assim, eu não consigo pensar em nada mais que não seja ela.

— Achei que estava bêbada demais para se lembrar dessas coisas — profiro, sorrindo.

Ela fecha os olhos por um segundo e suspira.

— Eu estava mesmo, mas me lembro de tudo.

Seguro seu rosto entre minhas mãos, analisando cada detalhe de sua

face; os olhos castanhos e brilhantes, os lábios grossos e harmoniosos, os cabelos agora mais curtos mal tocando seus ombros. E diferente da primeira vez — quando ela me beijou —, agora sou eu quem aproximo sem pressa meus lábios dos dela.

— Eu queria ter feito isto aquele dia, mas eu sentia tanto medo — revelo.

Agatha entreabre os lábios, nos beijamos com nossos corpos o mais próximo que nossa filha em sua barriga permite. Nos beijamos como deveríamos ter feito desde aquela vez, desde o momento em que eu deveria ter entendido que amá-la era a minha única saída.

Observo-a dormir, é o momento em que Agatha fica em paz, o momento em que toda a dor que vem reprimindo desaparece de seu semblante. Deitada nessa cama, ela se parece com a mesma mulher daquela noite, a expressão calma e serena, sem disfarçar nenhuma angústia, nenhuma marca.

Ajeito os fios de seu cabelo, relembrando o dia em que esse anjo tagarela e curioso me tocou pela primeira vez. Não poderíamos ter escolhido nome melhor para nossa filha, Angelina é dentre todos o mais apropriado; nosso pequeno anjo.

Ainda sem sono, saio para comprar uma bebida. Sorrio sozinho enquanto marcho os poucos metros que separam o hotel do boteco, rememorando cada passo que Agatha deu por este chão, completamente bêbada.

Ando até o balcão avistando a mesma atendente de antes.

— Uísque? — pergunta.

Nego com a cabeça e aponto para a geladeira atrás dela.

— Dois refrigerantes — respondo. Ela ergue uma sobrancelha, acho que surpreendida por eu ser o único no lugar a não pedir uma dose do seu uísque barato. Ela vai até a geladeira e me traz as duas latas. Deixo o dinheiro sobre o balcão e retorno para Agatha.

Numa poltrona, sento-me e sorvo a bebida velando o sono do meu anjo.

— Dormiu bem? — pergunto pela manhã assim que ela se vira na cama e sua barriga aponta para o alto.

— Dormi. — Ela boceja e estica os braços, com os cabelos bagunçados e espalhados por seu rosto, em seguida se aproxima e se aconchega em meu peito.

Nestes dois últimos meses foram raríssimas as vezes em que ela se acolheu assim. Sinto como se faltasse um pedaço de mim todas as manhãs em que Agatha se levanta sem me abraçar. Aproveito o momento e fecho os olhos, apertando-a junto a mim, sentindo seu cheiro e seu calor.

— Eu comprei nosso café da manhã — informo, agarrado a ela. Agatha tenta se apartar, mas eu a impeço. — Não, fica só mais um pouco — imploro. Ela atende meu pedido e me abraça por mais alguns minutos.

— Estou com fome — murmura, com a voz abafada contra mim. Eu a solto, sem imaginar quando será a próxima vez em que ela se aconchegará assim de novo.



— Cara, estava com muita saudade — diz Roger, vindo até mim.

— Não vai me agarrar, não é? — É tarde demais, ele me toma em seus braços.

— Parece que não te vejo tem uma eternidade — continua, agarrado a mim.

— Porra, Roger! Você é muito grudento, me solta! Por que essa *melação* se fiquei fora só dois meses? — reclamo, afastando meu corpo do dele.

Roger solta uma gargalhada e puxa uma cadeira para se sentar.

— Caramba, você continua o mesmo ranheta de sempre. Queria ter vindo assim que você voltou, mas estava atolado de trabalho — informa, cruzando as pernas. — Pelo jeito deve estar tratando Agatha com essa mesma rabugice. — Ele termina a frase num murmúrio, virando a cabeça para o lado oposto ao meu.

— Não resmungue, Roger. Você sabe que Agatha é o sol da minha vida, a lanterna que me guia até a luz. Já você é o amigo chato que está sempre torrando a minha paciência. — Vou até o frigobar no canto do estúdio e pego duas latas de refrigerante, entregando-lhe uma. Ele gira a lata nas mãos, analisando-a por um tempo.

Observo-o com uma sobrancelha elevada.

— Quer namorar a lata? — investigo, e ele sorri.

— Estava pensando que antes da Agatha... você estaria com um copo de uísque nas mãos.

Sento-me também, tiro o lacre da lata e sorvo uma golada da bebida.

— Esses são os meus preferidos agora — informo.

Roger bebe um trago do refrigerante, e sua postura muda. Ele encara o chão em silêncio, cerrando os olhos por um breve momento. Se tem uma coisa que não combina com esse homem é ficar em silêncio; algo deve ter acontecido, talvez ele e Eli tenham brigado.

— Você não veio aqui porque estava com saudade de mim, não é? — demando.

— Não sei se deveria... — Cabisbaixo, ele deixa o refrigerante de lado e aperta uma mão na outra.

— Corta essa, Roger.

— Eli vai me matar por eu me intrometer na sua vida, mas...

— Fala logo, Roger! — inquiri, impaciente. Detesto joguinhos.

— Agatha vai voltar para a casa da mãe dela. — Ele despeja as palavras, encarando-me assustado.

— Vamos voltar quando a bebê completar um mês — respondo, sem entender por que ele criou esse suspense por algo que já havia sido planejado por Agatha e eu.

Roger continua a me encarar fixamente, umedecendo os lábios antes de continuar:

— Ela... vai voltar sozinha para ficar com a mãe e Angelina vai nascer lá...

Desço a lata sobre a mesa e sinto meu pulso acelerar, tentando compreender o que ele acabara de dizer. Isso não faz o menor sentido, Agatha não tomaria uma decisão dessas sem falar comigo, faz vinte dias que voltamos da casa de sua mãe e em nenhum momento ela me disse que queria voltar.

— Agatha conversou com Eli semana passada e... ontem ela confirmou que irá para a casa da mãe na segunda, ela até comprou uma passagem... só para ela — complementa ele.

A cada palavra pronunciada por Roger, o ar em meus pulmões diminui.

Levanto-me e começo a andar pelo estúdio, buscando normalizar minha respiração, meu pulso, minha mente...

— Não faz o menor sentido — digo, virando-me para ele. Roger se levanta e vem até mim, segurando um dos meus ombros.

— Acho que está acontecendo alguma coisa, Agatha não é assim.

— Por que ela quer ir embora e me deixar aqui? — pergunto mais para mim que para ele. Esfrego meu rosto com as duas mãos, procurando assimilar esse tiro de canhão.

— Conversa com ela, tenta entender o que está acontecendo. Mas não diz que eu te contei — diz ele, abraçando-me mais uma vez, antes de ir embora.

Volto a me sentar encarando a mesa de Agatha; os papéis, a agenda dos clientes, seu telefone, computador... Confuso, aperto as têmporas, sinto-me desesperar por não saber o que ela realmente está sentindo.

Eu sei que não é fácil ver alguém que amamos morrer, sentir a dor que parece não ter fim. Eu mesmo passei anos sentindo esta agonia me destruir pouco a pouco. E quando não suportava mais, decidi ir embora desta

cidade, e vagar três anos pelo mundo. Sem energia para pensar em nada que não fosse o meu próprio sofrimento.

Será que é isso o que está acontecendo com ela? E a forma que decidi para abrandar sua dor é indo embora, para longe de mim? Entretanto, eu era sozinho, não havia ninguém que me fizesse querer ficar, mas Agatha... temos um ao outro, temos Angelina.

Agatha assiste a um filme deitada na cama, acarinhando vagorosamente sua barriga em movimentos circulares. Ela usa um vestido branco que se molda ao seu corpo arredondado. Sua pele e seus cabelos cintilam como nunca, a gravidez a deixou ainda mais bonita. Agatha se tornou resplandecente.

Ao me ver, ela sorri ligeiramente.

— Tudo bem? — pergunto, aproximando-me da cama.

— Sim — responde ela, voltando sua atenção para a televisão.

Remoo tudo o que Roger me disse mais cedo. Meu desejo iminente é perguntar se é verdade, se ela vai me deixar. Contudo, o medo de ouvir a confirmação de sua boca é ainda mais assustador.

Sento-me na borda da cama, de costas para tv e de frente para ela. Seguro uma de suas mãos e penso em todos os momentos que dividimos, desde a entrevista para ser minha assistente até agora.

Eu já tive medo de dizer estas palavras, mas quando as disse à Agatha pela primeira vez, percebi que meu coração estava finalmente refeito. E sem apagar meu passado, eu estava pronto para amar esta mulher pelo presente e futuro.

Cabisbaixa, Agatha recolhe sua mão da minha quando percebe que a conversa que teremos poderá decidir nossas vidas.

— Eu amo você, Agatha — começo a dizer. — Amo como eu não sabia que seria capaz outra vez. Você me deu uma segunda chance de ser feliz, uma nova vida. Deu mais do que um dia sonhei, você me deu uma filha... porra, uma filha! — Passo uma mão pelo rosto, escorregando por minha barba, buscando quase em vão manter o controle. — Mas meu amor vai além de todas as alegrias que me deu. Eu te amo pelo que você é, pela mulher divertida, corajosa, desastrada, amorosa, companheira... e que enxerga sempre o melhor nas pessoas, inclusive em mim. Então me diz o que está acontecendo? Juro que vou fazer por você o dobro do que um dia fez por mim, porque eu te amo e quero te ver feliz.

Jurei a mim que nesta vida, eu não me permitiria quebrar em pedaços outra vez, independentemente do que o futuro nos reservasse. Apesar disso, aqui estou eu me partindo ao meio, apavorado pela ideia de que ela me deixe, de que me abandone... de que *nos* abandone.

Agatha não ergue a cabeça, continua a encarar as próprias mãos. Acostumado a ouvi-la falar pelos cotovelos, amargo profundamente com seu silêncio. E só depois de segundos que se parecem com séculos, ela me olha sem aquele fulgor que seus olhos sempre transmitiram.

— Obe... eu te amava muito antes de você me amar, você continua sendo único para mim, mas... — a pausa em sua fala faz todos os meus ossos estremecerem — acho que preciso de um tempo.

Ela articula as palavras que eu daria qualquer coisa para nunca ouvir. Desesperação é o sentimento que posso descrever, é como se meu coração fosse tirado do peito mais uma vez, pisoteado e largado à mingua no meio da rua.

— Você vai me deixar? — pesquiso, quase inaudível.

— Eu juro que amo você, Obe — reitera ela, torturando minha alma.

— O que está sentindo, Agatha? Por que não me deixa te ajudar?

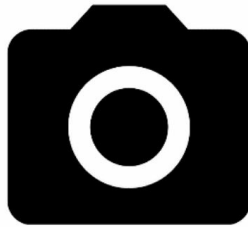
Ela hesita por alguns segundos.

— Não sei explicar... — Agatha coloca a mão em punho sobre o peito, como se buscasse diminuir a dor que vaza de seu cerne —, mas eu sinto que preciso ficar com a minha mãe. Eu passei tempo demais nesta cidade; estudando, trabalhando, e aí veio você e Angelina... — ela sorri ao citar Angelina e eu — sou grata por tudo o que eu tenho, Obe. Mas eu deveria ter passado mais tempo com eles também. Meu pai morreu e fazia quase um ano que eu não o via...

O som de sua fala é abafado pelo choro que surge com força, ela não consegue ocultar a tristeza nem as lágrimas. É difícil ver meu anjo chorar dessa maneira, logo ela que sempre passa os dias a divertir quem está à sua volta.

Agatha passa o dorso da mão pelo rosto, e chorosa continua:

— Eu só preciso de um tempo, Obe.



Não aguento mais vagar sozinho dentro desta casa. Durmo na sala porque é impossível me deitar em nossa cama sem tê-la ao meu lado; seu perfume se desprende dos lençóis e travesseiros e entorpece meus sentidos. Ouço sua voz sussurrada por cada cômodo, experimentando sua presença para cada canto que eu vou.

Observo os desenhos de Agatha colados na parede com pedaços de fita, as folhas brancas desenhadas a lápis chamam minha atenção. Eu amo os desenhos que ela faz, ainda lembro da primeira vez em que peguei um deles na mão. Era a minha cópia, o desenho que marcou o momento em que me dei conta de como era visto pelos outros, de quando me dei conta da minha própria aparência, da barba longa e densa sobre o meu rosto e do olhar solitário que eu carregava.

É mágico o que Agatha sabe fazer com um lápis preto em uma folha branca. Reparo em algumas folhas amassadas debaixo de sua mesa de cabeceira, sento-me no chão e desdobro uma delas com a mão.

É um autorretrato de Agatha, o desenho revela o perfil de sua face com os olhos e lábios fechados. Abro todas as outras folhas amassadas e em cada uma delas uma versão muito parecida da anterior.

Por que ela os amassou? pergunto-me, sem compreensão de um

motivo que a fizesse se desfazer de algo tão bonito e impactante. Os desenhos de Agatha sempre relevam mais do que uma face triste ou feliz, eles relevam um sentimento profundo, enraizado, algo que só ela consegue transcrever.

Ergo-me do chão com todos os desenhos que acabo de desamassar e, colo-os na parede ao lado dos outros.

Sinto um aperto no peito que não melhora, como se alguém me pressionasse contra a parede, impedindo-me de respirar, de pensar...

Vê-la entrar naquele táxi levando uma mala para si e outra para Angelina, foi o exato momento em que o ar deixou de entrar nos meus pulmões e esse aperto começou. E, ainda assim, eu estava com um sorriso no rosto, disfarçando a angústia que sentia com uma mão erguida acenando em despedida para minha mulher.

Agatha prometeu que sua partida seria temporária. Mesmo assim, não sei como fazer para suportar viver longe dela, sendo um dia, uma semana ou um ano, não sei como suportar.

Meu telefone vibra no bolso e o alço rapidamente imaginando que possa ser ela, mas é o nome de Roger que aparece no visor.

— O que é, Roger? — murmuro, sem estímulo para mais.

— Vamos sair um pouco — diz ele, animado.

Jogo a cabeça para o alto e fecho os olhos.

— Não — respondo, afastando o telefone da orelha para encerrar a chamada.

— Eu tenho notícias da Agatha. — Ouço o nome dela ressoar para fora do aparelho e o retorno para a orelha.

— Fala — ordeno.

— Me encontra lá no bar daqui uma hora que te digo — diz ele e encerra.

Com olhos estreitos encaro a tela apagada. É bom que seja sério, não estou com humor para brincadeiras.

Entro no bar que visitamos desde o fim da faculdade e pelo horário está vazio, alguns homens jogam sinuca nas mesas do canto e poucos bebem sentados à mesa. Avisto Roger bebendo cerveja nos fundos e marcho até ele. Puxo uma cadeira e sem rodeios pergunto o que quero saber.

— O que sabe?

Ele empurra um copo vazio e uma lata de refrigerante em minha direção.

— Eli conversou com Agatha hoje pela manhã. Disse que se sente melhor estando com a mãe, e a mãe também aparenta estar melhor com a filha por perto e que... não sabe quando vai voltar.

Ouçoo atentamente, feliz por saber que minha mulher está bem na companhia da mãe. No entanto, meus músculos ardem como se estivessem sendo espetados por mil agulhas, justamente por saber que eu não consegui trazer à Agatha esse mesmo conforto.

— Não fica com essa cara, Obe.

Esfrego as mãos pelo rosto, procurando afastar a impressão de que a promessa de Agatha não é real.

— Eu a perdi, Roger. — Verbalizo meu maior medo, experimentando com mais vigor a sensação das agulhas se aprofundando em minha carne.

— Não é verdade. — Ele nega, meneando a cabeça.

— Você acha mesmo? — pesquiso, sarcástico.

— Ouvi ela dizer que sente muito sua falta, mas que não pode deixar a mãe — rebate ele, abrindo um sorriso. — Sabe o que eu acho, Obe.

Fico à espera de sua sinceridade ciente de que nem sempre é fácil ouvi-la.

— Quando você vivia como um morto-vivo, Agatha fez de tudo para te puxar daquele poço sem fundo. Ela não desistiu um minuto, e persistiu ao seu lado mesmo quando você tentou afastá-la...

— Sei melhor do que você — interrompo-o, sem paciência para que me diga algo que eu vivi e não ele.

— Se sabe, por que não está com ela?

— Agatha me disse que precisava desse tempo, respeito seu pedido — esclareço.

Roger sorri e cruza os braços sobre o peitoral.

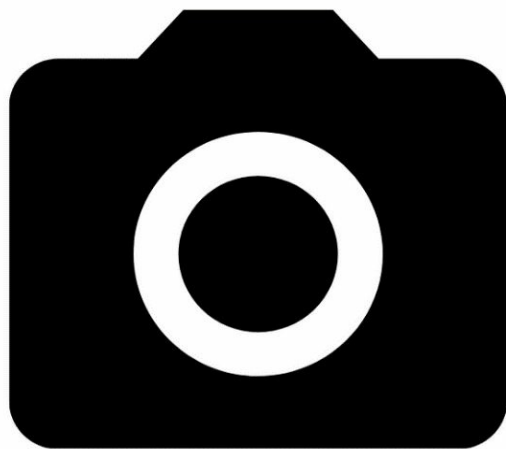
— Agatha e Eli estavam numa chamada de vídeo, eu ouvi com todas as letras ela dizer que está com saudade de você, que sente sua falta. Mas não achava certo fazê-lo abandonar tudo para ficar com a mãe dela numa cidade pequena e longe do estúdio. Ela sabe o quanto você ama seu trabalho.

— *Meu trabalho?* — pergunto, boquiaberto. Deixo minha cabeça pender entre minhas mãos, desacreditado que Agatha possa pensar que meu trabalho esteja acima do que sinto por ela.

— Ela se parece com você nesse quesito, deve ser a razão para estarem juntos — caçoa ele, à medida que estreito os olhos. — Às vezes, é complicado para os homens entenderem a complexidade dos pensamentos de uma mulher, Obe — finaliza, tomando mais um gole de cerveja.

— Acha que devo ir até ela? — pergunto, ainda confuso.

— Acho — diz ele, convicto da resposta.



PARTE II

Não faz nem duas horas que saí do bar, e agora observo a estrada noturna à minha frente. A viagem é longa e serão muitas horas de direção, mas opto por não parar e me mantenho atento, idealizando que a cada quilômetro rodado estou mais perto de Agatha.

Se essa mulher tem alguma dúvida sobre o que sou capaz de fazer para estar a seu lado, vou mostrar que não há limite. Vou mostrar como é poderoso o amor que sinto, como é poderoso o que nós temos.

A alvorada aponta no horizonte, fazendo-me perceber a quantidade de horas que estou com o pé fixo no acelerador deste carro. Meu coração começa a bater mais forte, ele pulsa em expectativa, mas também em receio. E se Agatha me disser para voltar, e se vir até aqui seguindo este impulso foi um erro?

Busco acalmar minha respiração ofegante assim que passo pela placa de boas-vindas à cidade de Elpizo. Não quero parecer um jovem impetuoso e precipitado, quero parecer o homem por quem ela se apaixonou, o homem com o qual terá uma filha.

Assim que estaciono, o pulsar do meu coração golpeia meu peito no ritmo de uma bateria de escola de samba. De dentro do carro, observo a casa de sua mãe, com as paredes pintadas numa mistura de branco e laranja, ela tem uma essência acolhedora e confortável.

Mentalmente, repasso o que direi a Agatha. O que é ridículo, eu não deveria estar tão sobressaltado por ter vindo ver minha mulher. Mas a verdade, é que pareço um aluno acanhado prestes a apresentar o trabalho final para a turma.

Assusto-me ao ouvir uma batida no vidro. Giro a cabeça e avisto Agatha erguendo as sobrancelhas. Aperto os olhos por um segundo e abro a

janela.

— O que aconteceu? — pergunta ela, espantada.

— Obe! — Ouço a voz afável de Dora. Ela passa por Agatha e se debruça sobre a janela, puxando-me para beijar o topo da minha cabeça. — Que bom que chegou, Agatha me disse que demoraria para vir, que tinha muito trabalho no estúdio.

Destravo a porta e saio do carro para cumprimentar Dora com um abraço, os fios grisalhos e levemente ondulados de seus cabelos brilham sob o sol tímido da manhã. Agatha tem as mesmas feições da mãe, e agora com o cabelo mais curto está ainda mais parecida com ela.

— Você está bem? — pergunto, virando-me para Agatha. Ela acena com a cabeça, mas não esboça reação de vir até mim, quebrando meu coração um pouquinho mais.

— Cadê sua mala? — Dora questiona, procurando-a no banco traseiro.

— Pode deixar, Dora. Eu pego depois... — respondo, tocando-a nos ombros. Eu não trouxe uma mala, saí com tanta pressa que joguei roupas e sapatos espalhados pelo porta-malas.

— Estávamos voltando da padaria, compramos bolo de laranja e eu sei que você gosta — diz ela, tirando uma sacola das mãos de Agatha.

— Mãe, termina de arrumar a mesa, por favor. A gente já vai entrar — diz Agatha para a mãe, que se afasta cruzando os portões de sua casa.

Assim que Dora está fora do alcance de nossas vozes, Agatha se vira para mim.

— O que aconteceu, por que está aqui?

— Você está aqui. É isto o que aconteceu, Agatha — respondo, atropelando tudo o que havia planejado dizer.

Ela me olha de soslaio, mordendo um canto da boca e repousando uma mão sobre a barriga que parece ter crescido tanto neste tempo em que está longe de mim. Que saudade estou dela, que saudade estou de também acariciar sua barriga, acariciar minha filha.

— Vem, vamos entrar. Estou com fome — profere, seguindo para dentro da casa de sua mãe.

Está difícil esconder a frustração que atinge cada célula do meu corpo.
Merda!

— Agatha está cada dia mais malcriada, Obe.

— Cristo! Até o padeiro está cansado de ouvi-la me chamar de malcriada, mãe! — Agatha responde, sentando-se à mesa e servindo-se do café da manhã.

— Estou falando para o Obe. Ele deve saber melhor do que eu.

Começo a sorrir ao perceber as semelhanças entre mãe e filha.

Encantado, assisto Agatha comer. Ela o faz como se a comida tivesse um sabor diferente do que realmente tem. Bom, ela sempre foi assim, mas talvez pela gravidez agora seja mais nítido. Ela suspira a cada nova mordida.

— O que foi? — pergunta ela, ao notar que meus olhos estão focados no movimento que sua boca faz.

— Gosto de vê-la comer — repondo, sinceramente.

Ela para de mastigar e relanceia sobre a mãe que corta um pedaço de bolo de laranja, colocando-o à minha frente.

— Para de olhar para ela e coma também.

Aproveitando a visão de Agatha, consigo comer como não havia feito desde que ela foi embora. E mesmo que Agatha não tenha me recebido de uma maneira muito festiva, ainda assim meu coração se acalma pelo simples fato de vê-la.

— Preciso sair daqui a pouco, tenho que ir até o banco resolver algumas pendências no nome do seu pai. — O entusiasmo que Dora aparentava um minuto atrás se transforma da água para o vinho quando ela diz que precisa sair.

Não é diferente com Agatha. Pausadamente, ela repousa sua xícara sobre a mesa.

— Você vai ao cemitério, mãe?

Dora se levanta e não responde. Ela abre a torneira e começa a lavar a pouca louça sobre a pia.

— Você vai ao cemitério, mãe? — repete Agatha.

Dora ignora o pleito da filha, que aperta os olhos com força.

— Obe, não se esqueça que esta casa é sua também. Fique à vontade. — Dora diz a mim antes de sair, sem responder à Agatha.

Agatha se levanta visivelmente abalada. Ela leva sua louça até a pia, apoia as mãos no mármore e baixa a cabeça.

— Por que veio, Obe? — questiona-me mais uma vez.

Queria não sentir nada ao ouvi-la me perguntar por que vim, queria que minha presença fosse evidente e que Agatha entendesse de uma vez por todas que não existe a menor chance de eu não estar ao seu lado.

— Quer que eu vá embora? — indago, em pânico com o possível *sim* que ouvirei.

Ela volta a se sentar e esconde o rosto entre as mãos. Agatha aparenta cansaço, não era para meu anjo estar assim, era para estar emanando alegria

ao apreciar cada segundo de sua gravidez. Mas desde que seu pai morreu, tudo está virando de cabeça para baixo.

Levanto-me acelerado, giro sua cadeira e me ajoelho à sua frente. Ela cede as mãos e me estuda com atenção, vejo seus olhos ganharem um brilho diferente, um marejar que não estava ali.

— Você quer? — repito, percebendo que meu peito vai explodir se ela me mandar embora.

Agatha resvala uma mão por minha face, seus dedos delicados desenham meus traços; contornando olhos, sobrancelhas, nariz... deixando-me numa espera agonizante. Até que sua mão segura meu queixo e ela baixa sua cabeça nivelando-a a altura da minha.

— Não — diz, trazendo seus lábios até os meus.

É neste instante que todo o medo que eu sentira se dissolve como fumaça no ar, como se nunca tivesse existido, como se todo o receio que senti nas últimas semanas não tivessem passado de devaneio de um homem inseguro e apaixonado.

— Pensei que fosse morrer de tanta saudade — continua ela, enlaçando meu pescoço e acabando com qualquer espaço entre nós.

— E por que me deixou? — murmuro, com o rosto enterrado entre os fios de seu cabelo.

— Eu disse que voltaria. Não podia arrastar você para algo que nem eu sei como explicar ou resolver.

Afasto seu corpo, e com seu rosto preso em minhas mãos respondo:

— Entenda que nada é mais importante para mim que você e nossa filha. Onde você estiver eu estarei. Não me importo de montar outro estúdio aqui e vivermos todos em Elpizo a partir de agora.

As lágrimas em seus olhos exibem a confusão de emoções que vivem

dentro de Agatha. Ela não deveria acrescentar mais um problema nessa lista, não deveria cogitar que exista algo mais importante para mim que sua felicidade.

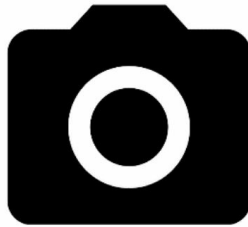
— Não é só o estúdio, você também tem Ítalo e seu pai... não é justo com você.

— Meu pai está na mesma situação há anos, Agatha. E Ítalo consegue viver sem mim. Já eu não consigo viver sem você. Não tente me afastar, porque eu decidi que vou atrás de você não importa o lugar.

— Você mudaria por mim? — pergunta ela.

— Vai fazer dois anos que eu mudei por você, Agatha.

O sorriso que se ocultou de sua face por todo este tempo surge tímido, mas aos poucos se abre e a toma por completo, enrugando nariz e os cantos dos olhos. Aquele sorriso que brilha e ilumina tudo ao redor; o sorriso que mantém meu coração vivo e pulsando.



Aprendi a respirar outra vez. Agatha entendeu que não precisa e não deve escolher entre mim e a mãe, e pouco a pouco volta a ser a mesma mulher divertida e alegre de antes.

Esbaforida, ela entra correndo no quarto que ocupamos na casa de sua mãe, com as pernas meio abertas e as duas mãos segurando a barriga que a cada dia se torna mais pesada. Sinto vontade de rir, mas aperto os lábios para conter o riso, tem uns três dias que caí na gargalhada ao vê-la fazer a mesma coisa e Agatha ficou muito, mas muito brava.

— Minha mãe foi ao cemitério outra vez — diz ela, sentando-se na cama ao meu lado e escondendo o rosto entre as mãos. — Pensei que se ficássemos juntas nossa dor seria mais suportável.

— É mais suportável para você? — pesquiso.

— Sim! Mas parece que não é para ela. É a segunda vez nesta semana, Obe.

Entendo que para Agatha viver com a mãe é suficiente para abrandar seu coração, mas para Dora... para Dora é diferente. Eu a entendo, já vivi essa dor, sei como ela é lancinante. Perder a pessoa com quem se divide a mesma casa, a mesma cama, a mesma vida...

— É diferente para ela, Agatha. Dora perdeu o marido.

— Diferente? Eu sempre amei meu pai — responde, apontando para si.

— É diferente — repito. — Dora perdeu o parceiro de vida. A pessoa com quem se deitava todas as noites, a pessoa com quem dividiu anos e anos da sua vida.

Agatha finalmente abrange o que quero dizer.

— Foi assim com você e Lara, não é?

— Não preciso contar a história, você a conhece bem. — Agatha meneia a cabeça em concordância, apertando as têmporas ao final.

— Não sei o que fazer?

Puxo-a para mim, e nos deitamos na cama.

— Você já está fazendo. E logo Angelina chegará e sua mãe terá mais alguém para ajudá-la a superar essa dor.

— Eu te amo, sabia? — murmura ela, com a cabeça em meu peito.

— Ainda assim, você me abandonou — respondo, sentindo um gosto acerbo na boca.

— Não te abandonei, eu só não sabia o que fazer. — Agatha ergue a cabeça em minha direção.

— Sabe que pode falar comigo, não é? Pensei que fosse morrer no tempo em que me deixou sozinho naquela casa. E se eu não tivesse pegado o carro e vindo para cá sem aviso, teria me largado sozinho por todo esse tempo?

— Obe... eu...

Beijando seus lábios, não permito que termine a frase.

Descobri que nem tudo na vida tem explicação, somos seres humanos complexos e cheios de pensamentos, nem sempre tomamos as melhores

decisões e está tudo bem. O mais importante é ter ao nosso lado pessoas que nos compreendam e aceitem nossas confusões.

Assim como Agatha fez comigo um dia.

Enquanto Agatha cochila, aproveito para resolver as demandas do estúdio, alguns projetos eu consegui adiar, outros não. Então, terei de voltar em algum momento antes de Angelina nascer para finalizar esses trabalhos e resolver nossa mudança. É urgente encontrar um lugar em Elpizo, um bom espaço, um que supere a distância que estou de um centro comercial.

— Está tão quente hoje. — Agatha diz, surgindo atrás de mim. Sentando-se ao meu lado, ela abana as mãos na altura do rosto para se refrescar. — O que está vendo? — questiona, olhando para a tela do laptop.

— Um lugar para o estúdio.

— Tem certeza de que dará certo transferir para cá?

— Meus clientes não estão interessados onde vivo, estão interessados na qualidade das fotos que eu tiro — digo, tranquilizando-a.

Ela assente e aponta para a tela.

— Onde esse fica?

— Avenida Kronos.

— A gente podia passar lá para dar uma olhada, e depois sair para comer alguma coisa — pede ela, aconchegando a cabeça em meu ombro.

— Não entendo por que só engordou oito quilos até agora, você come o dia inteiro.

— Ei! — esbraveja — Não sou eu quem come o dia inteiro! É sua filha que mesmo antes de nascer já é uma esfomeada — argumenta, dando-

me um forte tapa nas costas.

— Doeu — reclamo.

— Você é forte, vai aguentar! Estou mesmo com fome — rebate, intercalando uma voz abusada com uma manhosa.

Não dirijo mais do que dez minutos até estar de frente a uma casa sem garagem, toda em tijolo aparente, com uma porta dupla em madeira envernizada. O lugar tem um estilo retrô e só em olhar a fachada de perto já consigo imaginar meu estúdio aqui.

— Tem um aviso dizendo que as chaves estão na lanchonete — diz Agatha, sinalizando o estabelecimento do outro lado da rua.

— Vou lá perguntar. — Atravesso a rua e logo estou dentro do pequeno restaurante. O lugar segue a linha de estilo da casa do outro lado da rua, também com tijolinho aparente nas paredes, piso vinílico quadriculado, balcões azuis com detalhes em vermelho.

Gostei daqui, dá vontade de me sentar e passar algumas horas. Avisto dois atendentes e vou até o balcão principal falar com um deles.

— Olá, as chaves do imóvel da frente estão aqui? Quero dar uma olhada.

O homem vestindo uma camisa de uniforme azul piscina direciona seu olhar para as minhas tatuagens. Estou vestido com uma regata listrada em preto, e confesso que quando estou com os braços totalmente à mostra elas podem chamar um pouco a atenção. De qualquer forma, nesta cidade elas parecem chamar mais.

— É com nosso chefe, vou chamá-lo — diz ele, seguindo por um

corredor até os fundos.

Espero alguns minutos até que vejo um homem sorridente vindo até mim. Alto, robusto, e com uma aparência conservadora, ele se parece com Roger. Na verdade, é muito mais bonito que o meu amigo. O homem é o meu oposto, já que eu aprecio um visual mais rústico.

— Oi, sou Pedro. Dono do imóvel à frente. — Ele estende uma mão e me cumprimenta. — Pode ficar à vontade para olhar — conclui, entregando-me as chaves. Pedro também relanceia sobre meus braços e tórax tatuados.

— Obrigado.

— A casa está toda reformada, o que pretende montar?

— Meu estúdio fotográfico.

Ele arregala os olhos e meneia a cabeça, admirado.

— Você é fotógrafo?

— Sim — digo, dando um passo atrás. Agatha está me esperando debaixo do sol e o homem querendo esticar a conversa antes da hora. Se eu gostar do imóvel teremos esse bate-papo depois.

— Minha mulher está me esperando, olho rápido e volto aqui.

— Ah, claro! — diz ele, fazendo um movimento com as mãos para eu sair.

Fico impressionado assim que chaveio a porta e revelo o interior do imóvel. Se um dia essa foi uma casa comum, não é mais. As paredes centrais foram derrubadas transformando-o num grande salão, as laterais também em tijolo, possuem várias estantes em madeira com tubulação em ferro pintado de preto, no melhor estilo industrial.

Este lugar é perfeito para o estúdio.

— Uau, é lindo! Muito mais bonito que o estúdio atual. — Agatha

diz, girando o corpo para olhar ao redor.

— Concordo. Não pensei que encontraria um espaço assim em Elpizo.

— Será que é muito caro? — Agatha pergunta, passando as mãos pelas estantes.

— O que temos é suficiente para bancar um bom lugar.

Ela caminha até mim com o dedo indicador apontando para o alto.

— Porque eu sou uma administradora *supercompetente*, fiz os melhores investimentos e nosso dinheiro rendeu muito bem, obrigada! — palestra ela, com seu jeitinho abusado.

— Meu trabalho não conta, não é? Ter sido premiado com o *International Photography Awards* não contribuiu em nada para minhas fotos valerem mais? — contesto.

— Eu disse isso? Cristo, que homem azedo!

Agatha me dá as costas, mas eu a giro para que fique de frente. Seguro seu rosto entre as minhas mãos e a beijo sem aviso. Não lhe dou tempo para pensar e nem se afastar. Faz tempo que ela não insurge assim e eu amo quando faz.

Ela não resiste e cede, aprofundando nosso beijo como só ela é capaz de fazer, nossas línguas dançam em harmonia à medida que meu corpo queima como a lava de um vulcão em erupção. Basta um toque dela para eu sucumbir a um desejo que me assola dos pés à cabeça. Não interessa que não respiremos, pouco importa o ar. A única coisa que realmente interessa é matar esta fome deliciosa de beijá-la numa cinesia ardente e sufocante.

Ela arqueja contra minha boca e, eu juro que se ela não estivesse com seus movimentos reduzidos pela gravidez avançada, a deitaria neste chão e arrancaria sua roupa agora mesmo.

Ofegosa, Agatha toca o rosto vermelho pelo roçar da minha barba.

— Esse é seu jeito de me pedir desculpas?

— Desculpas! Pelo o quê? — questiono, entre um meio sorriso. Deslizo a língua pelo lábio inferior, apreciando o resquício do sabor de Agatha.

— *Aish!* — Exclama, enrugando o nariz para se mostrar insatisfeita.

— Você tem ideia de como eu te amo? — declaro.

— Acho bom que ame mesmo — diz ela, tentando reprimir um sorriso.

Essa mulher não tem ideia de como eu estava com saudade de tê-la por completo outra vez.

— Vamos falar com o dono e fechar negócio. Esse lugar será nosso novo estúdio — aviso, segurando sua mão. Atravessamos a rua e entramos no restaurante. Agatha se encanta com o estabelecimento assim que põe os pés nele.

— Esse dono tem bom gosto. Vamos aproveitar e comer aqui, *né?* — fala, puxando uma cadeira para se sentar.

— Agatha?

Ela se vira em direção ao som de seu nome e, assim que avista o tal Pedro chamá-la, leva as mãos à boca e arregala os olhos, numa expressão misturada de espanto e fascínio.

— Ah, meu Deus! Pedro?

— Não acredito que você está no meu restaurante — diz ele, tão espantado quanto ela.

— Este restaurante é seu? Você voltou para Elpizo?

Antes de responder, Pedro baixa o olhar para a barriga sobressalente

de Agatha, mexendo a cabeça em descrença.

— Você está grávida? Caramba, eu... eu...

Agatha passa as mãos pela barriga arredondada e dá de ombros.

— Estou quase no final.

Demoradamente, eles se entreolham. Um silêncio desconfortável paira entre nós. Pedro é o primeiro a quebrar o embaraço ao abrir os braços e encaixar Agatha dentro deles. Os dois se abraçam por mais tempo do que apenas dois conhecidos fariam. Depois, ele ergue uma mão e acaricia sua barriga.

Sinto meus pelos encrespam, incomodado com a pouca distância e a maneira informal de como se tratam. Os dois estão tão absortos na presença um do outro que é como se eu não existisse.

Pigarreio para mostrar que estou aqui e Agatha sai do transe.

— Esse é Oberon, o pai da minha filha — profere ela, apontando para mim.

O pai da minha filha? O pai da minha filha? Que porra de apresentação é essa?

Pedro estende sua mão a mim mais uma vez.

— Quando disse que sua mulher estava esperando, eu jamais imaginaria ser Agatha.

Ao menos ele, usa o termo correto e sabe que ela é minha mulher.

— Pois é, teria dito se soubesse que se conheciam — respondo, experimentando formigar a mão que ele acabara de tocar.

— Vou servir vocês e é tudo por conta da casa. — Pedro retorna para detrás do balcão, enquanto eu me sento ao lado de Agatha.

— Quem é ele? — pesquiso, dissimulando desinteresse. No entanto,

por dentro me rasgo para saber quem é o homem que afagara sua barriga com tanta intimidade.

— É o Pedro — anuncia ela, sorridente, à medida que desbloqueia a tela de seu telefone.

— Sei que ele é o Pedro, Agatha. Não foi isto que perguntei — digo, sem conseguir mais esconder meu desconforto.

— Nos conhecemos no colégio e... namoramos por alguns anos.

— Namoraram? Anos? — O formigar em minha mão se espalha para o restante do corpo.

— Aqui, algo gelado para beberem. Logo vou trazer os lanches. — Pedro aparece e deixa dois refrigerantes e copos com gelo sobre a mesa.

— Obrigada, Pedro! — Agatha exhibe um sorriso cheio de dentes.

Ele se afasta outra vez. Deixo escapar um suspiro exasperado e esfrego meu queixo com frustração. Despejo o refrigerante no copo, sorvendo-o em seguida. Agatha me observa com olhos estreitos.

— Ele terminou comigo quando estávamos no primeiro ano de faculdade.

— Ele terminou com você? Que idiota! — solto, sorvendo mais um gole.

— Também acho!

Seu tom denota algo peculiar, ela aparenta contrariada e acho que até chateada porque o homem terminou com ela sei lá quanto tempo atrás.

— Você está chateada por que ele terminou com você? Sério?

— O quê? Claro que não!

— Era só o que me faltava — murmuro, jogando uma pedra de gelo para dentro da boca e mastigando-a ruidosamente.

Não demora muito e Pedro retorna colocando sobre nossa mesa comida suficiente para umas cinco pessoas. Eu o agradeço com um aceno de cabeça, enquanto Agatha esbanja simpatia.

— Se senta aqui com a gente — oferece ela. Antes de aceitar, Pedro me olha desconfiado, e eu sinalizo a cadeira à frente da minha.

— Quando voltou para Elpizo, minha mãe não me disse nada? — Agatha indaga, enfiando um punhado de batatas fritas na boca.

— Tem mais ou menos um ano. Estava cansado de administrar o negócio dos outros, resolvi administrar o meu.

Agatha assente com a cabeça e come mais um pouco.

— Estou tão surpreso de te encontrar, Agatha. Faz tanto tempo que a gente não se vê — diz ele, passando uma mão pelos cabelos. — E a Eli? Vocês ainda são amigas?

— Como irmãs — responde ela, sorrindo. — Eli se casou vai fazer dois anos.

— Puxa, acho que só eu fiquei solteiro.

No tempo em que conversam, desembulho um x-burger e começo a comer. Os dois falam sobre a época da faculdade, sobre os amigos que não veem há muito tempo, sobre suas carreiras, sobre as famílias que se conhecem. Os dois interagem descontraídos até que Pedro estica uma mão para tocar o antebraço de Agatha.

— Me lembro desse dia — diz ele num tom íntimo, resvalando os dedos pela pequena cicatriz.

Meus olhos fixam em sua mão tocando a pele de Agatha. Quão ruim será se eu arrancar sua mão?

— Ah, sim! — Agatha recolhe o braço. Um clima estranho se põe sobre os dois, deixando-me intrigado sobre como essa cicatriz foi parar no

braço dela.

— Vamos — proponho, levantando-me.

— E o imóvel? Gostou? — pergunta ele, que só agora se lembra que estamos aqui pela casa.

— Adoramos — diz ela.

— Tem coisas para fazer — digo eu.

Pedro intercala o olhar entre Agatha e eu, buscando pela resposta correta.

— Tem coisas para fazer na casa, vou analisar direito e te aviso — reforço.

Confusa, Agatha franze o cenho e se levanta.

— Foi bom te ver, Pedro! Amei seu restaurante e a comida, vou voltar outras vezes e trazer minha mãe.

— Faça isso! E vê se não some, não quero ficar tanto tempo sem te ver, ainda mais agora que voltamos às nossas raízes. — Os dois se abraçam mais uma vez.

Ele se vira para mim, tirando um cartão de visitas do bolso.

— Oberon, o que precisar reformar na casa descontaremos do aluguel.

Recebo seu cartão e aquiesço com um aceno de cabeça. Seguro a mão de Agatha e finalmente saímos do restaurante. Dentro do carro, jogo o cartão no porta-luvas, ligo o motor e o ar-condicionado.

Agatha me olha com cara feia cruzando os braços sobre a barriga.

— Você falou que íamos fechar negócio, que o lugar seria o novo estúdio. Mas quando Pedro perguntou disse que tinha coisas para reformar. Não tem nada para reformar, Oberon.

— Eu analisei melhor e acho que o lugar não é tão bom assim —

pondero. — Coloca o cinto, Agatha! — sinalizo o dispositivo, porém ela continua com os braços cruzados.

Coço minha barba e recosto no banco, sabendo que a conversa não acabou.

— Analisou quando? O lugar é incrível!

— Tive bastante tempo para analisar enquanto você matava a saudade do seu ex-namorado... E por que disse para ele que eu sou o pai da sua filha?

— Porque você é pai da minha filha! Está com ciúmes dele?

— Porra, Agatha! — murmuro, apertando o volante com as duas mãos — E qual é a dessa cicatriz?

— Que cicatriz?

— Essa aí que ele estava tocando.

— Ah, isso? Nada demais. — Ela volta a resvalar os dedos sobre o pequeno corte.

— Pareceu algo bem íntimo entre vocês.

— Jura que desistiu daquele lugar por ciúme do Pedro? Não acredito como pode ser tão bobo.

— Bobo? Vocês estavam de risinhos um para o outro e eu sou o bobo?

— Oberon, pelo amor de Deus! Esta cicatriz foi um corte que fiz uma vez que estávamos cozinhando juntos, não é nada demais.

— Vamos embora, coloca o cinto! — Quanto mais ela fala nele mais irritado eu fico.

Agatha coloca o cinto, mas continua a se mexer desassossegada no banco. Ela se parece com uma minhoca sobre areia quente. E mesmo sabendo que ela tem mais a dizer, finjo não notar sua inquietação. Dirijo em silêncio,

porém quando estamos prestes a dobrar a esquina da casa de Dora, ela volta a falar:

— Continua direto.

— Direto, para onde? — questiono.

— Vou te mostrar um lugar.

— Ah, não! Chega de lugares por hoje — respondo, relutante em aceitar.

— Oberon, segue direto! — Ela repete com firmeza.

Continuo a conduzir como ela decreta. Agatha comanda com as coordenadas e eu não tenho a menor ideia de para onde estamos indo. Dirijo por mais uns quarenta e cinco minutos até que entramos numa estradinha de terra.

— O que está inventando, Agatha? Aonde esta estrada vai dar?

— Num lugar que vai acalmar você.

Essa mulher me tira da minha zona de conforto constantemente, acho que é por isso que fico cada vez mais ligado a ela. Depois de uns dez minutos, chegamos literalmente ao fim da estrada de terra, não há mais para onde seguir.

Olho ao redor sem entender por que ela nos trouxe ao meio do nada.

— Está planejando me matar? — pergunto e ela começa a gargalhar.

— Esse é o seu medo? Será que mulheres grávidas têm circunstâncias atenuantes ao cometer um crime? — Insinua ela batendo com o dedo no queixo.

— Agatha! — pronuncio seu nome pausadamente, indicando que a gozação está indo longe demais.

— Cristo, você está terrível hoje, sabia?

Agatha solta o cinto de segurança e abre sua porta. Sem esperar por minha ajuda, ela desce com dificuldade do carro.

— Adoro esse lugar — fala, respirando fundo e esticando os braços acima da cabeça.

Saio do carro e paro ao seu lado.

— Vem! — diz ela, mostrando a direção de uma pequena trilha no meio da mata, que eu só percebi porque ela aponta diretamente para onde devemos seguir.

— Não está falando sério, não é?

— Anda logo, Obe.

A trilha é estreita, não é possível que andemos lado a lado. O caminho lameiral é repleto de galhos e folhas, mas Agatha anda como se estivesse no asfalto. Apesar do sol alto no céu, as árvores se juntam formando um sombreiro que dificulta enxergar com clareza o que está no chão.

— Tem muitas formas de me matar, Agatha. Medo é uma! — elucido, as mãos estendidas atrás dela temendo de que desequilibre e escorregue.

— Estou acostumada a andar aqui — responde, sem me dar muita bola.

Tenacidade. É algo que aprendi desde que a conheci, ninguém tem chance contra ela.

Andamos por poucos minutos trilha adentro até que avisto a luz do sol forte e radiante outra vez. A areia lamacenta sobre as raízes das árvores dá lugar a uma areia branca parecida com a do litoral. Desvio o olhar e vejo um rio que mais se parece com uma piscina natural, de águas calmas e cristalinas deve ter de uma margem a outra uns vinte metros.

— Gostou? — pergunta, com um sorriso imenso estampado no rosto.

Ela é mesmo cheia de surpresas.

— É incrível — respondo, embasbacado com a vista.

— Venho aqui desde criança, durante a semana é deserto, mas aos finais de semana costuma ter gente. — Agatha tira as sandálias e caminha até a margem molhando os pés. — O único problema é a água fria.

Faço o mesmo que ela, tiro os sapatos e dobro meus jeans até um pouco acima dos tornozelos. Quando meus pés tocam a água noto que Agatha tem razão, é fria. Mas com o calor que faz hoje é impossível não querer entrar.

— Vai entrar? — questiono.

— Talvez sim, talvez não... depende de você.

— De mim? E desde quando espera por mim para qualquer coisa?

— *Aish*, homem! — Agatha segura as pontas do vestido passando-o pela cabeça. Ficando só de calcinha e sutiã, exhibe o barrigão que abriga Angelina, ela marcha atrevida deixando escapar alguns gritinhos ao sentir a temperatura da água.

— Corajosa você.

— Nem vem com essa, pode tirar a roupa e entrar também — ordena, com a água na cintura.

Apressado, tiro minha roupa, permanecendo só de boxer. A água é mesmo fria, porém meu corpo logo se acostuma.

— Você é cheia de surpresas, não?

Com as mãos em concha, ela lança água sobre mim e ambos rimos. Alguns peixes pequenos e inquietos nadam sem medo ao nosso redor, Agatha tenta pegá-los com as mãos, mas eles são muito mais ágeis.

— Me dá sua mão.

Ela apoia minha mão sobre a lateral esquerda de sua barriga e eu sinto

Angelina se mexer cheia de energia. Se essa garotinha for parecida com a mãe, meus dias serão completamente revirados.

— Acho que ela gostou da água. Não vejo a hora dela ter idade para vir aqui com a gente — complementa, com o olhar direcionado para a própria barriga.

Sempre enxerguei em Agatha uma aura brilhante como a de um anjo. E, aqui neste lugar, com o sol cintilando sobre ela, é de fato, como se fosse um ser celestial que fulgura mais que todos os seres terrenos.

Ela ri com nossas mãos em sua barriga e eu me sinto muito, mas muito sortudo dessa mulher ter tido a paciência necessária para me resgatar da escuridão que eu vivia, se não fosse por ela eu jamais estaria aqui.

— Está mais calmo agora? Ou ainda está preocupado com Pedro? — Ela me desafia, piscando um olho.

Sou mesmo um bobo como dissera ela, um bobo apaixonado e enciumado, mas Agatha não pode me culpar; é impossível ficar imune aos seus encantos, a sua voz, a doçura de sua alma.

— Nunca estive preocupado — minto.

Agatha ergue um canto da boca e meneia a cabeça de maneira zombadora, ela consegue me ler nas entrelinhas, nem sei por que tento esconder qualquer coisa.

— Estava com ciúmes mesmo — falo, afinal.

Agatha começa a rir outra vez.

— Meu gosto para homens mudou, você não notou? Agora prefiro os tatuados, com barba e cara de bravos, mas que sejam doces e carinhosos.

Tento manter um sorriso fechado, entretanto é impraticável com Agatha tão perto e falando coisas assim. Porra, essa mulher me desarma com uma palavra, um olhar.

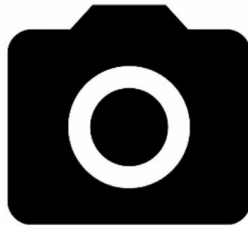
— Quantas vezes vou repetir que te amo, Oberon? Que eu te amava muito antes de você me amar? Não tem homem neste mundo que me faça deixar de querer você. Ainda mais Pedro que eu conheço todos os defeitos como namorado. Então, para de besteira e vamos alugar aquele espaço e trazer o estúdio para cá. *Ok?*

Trago-a para mais perto e beijo-a com fome, com desejo, com volúpia, procurando matar essa sede que me consome a maior parte do dia. É um desejo constante e insano que me preenche por inteiro.

— Será que é loucura eu pensar em te levar até a margem e deitá-la no chão? — pergunto, esperando ela dizer que a ideia de amar uma mulher grávida no chão arenoso na margem de um rio é inteiramente absurda.

— Não, não é loucura. Inclusive tem uma manta no porta-malas, não tem? — Seu olhar diz que ela experimenta a mesma vontade que eu, a mesma sede.

Saio correndo da água, escorregando pela trilha dentro da mata, para pegar tudo o que eu puder e criar um leito para amar minha mulher nesse lugar paradisíaco.



É começo da noite quando chegamos em casa, ambos com os cabelos molhados, descalços e as roupas cheias de areia.

Andamos de mãos dadas pelo corredor lateral para acessar a casa pelos fundos, e não encher a sala de estar com areia. Mas algo chama a atenção mesmo antes de entrar, o silêncio e as luzes apagadas. Dora tem o hábito de sempre deixar a televisão ligada e acender todas as luzes por volta das cinco, mesmo quando ainda há luz natural suficiente para clarear.

— Minha mãe não voltou ainda? — pergunta ela, pegando o telefone para passar uma mensagem à Dora.

Seguimos para nossa suíte — a última da casa — sem parar por outros cômodos. No banheiro, Agatha abre a ducha e tira sua roupa jogando-a no chão. Eu a observo sedento e cobiçoso de sentir seu corpo em mim mais uma vez. Ela percebe meu desejo e sorri.

— Não vai vir? — pergunta, ao entrar nua debaixo da água.

Ela não precisa me pedir outra vez.

Depois de uma hora mais ou menos, terminamos nosso banho. Agatha

usa um vestido solto e florido, já eu uso o de sempre; regatas, jeans rasgados, camisetas...

— São nove horas! — diz Agatha, constatando que a mãe ainda não visualizou sua mensagem.

— Será que não foi à casa de uma amiga? — questiono.

— Não é possível que esteja no cemitério. Será que está com Helena?

Agatha disca o número da amiga de sua mãe, mas não é atendida.

— Vem, enquanto você liga, vou preparando alguma coisa para a gente comer. — Seguro sua mão para seguirmos à cozinha.

— Antes vou pegar uma escova no quarto da minha mãe — informa ela, soltando-se de mim.

Nem bem eu entro na cozinha e ouço Agatha gritar:

— MÃE!

Corro pelo corredor até o quarto de Dora, meu coração dispara quando a vejo caída no chão. Ajoelho-me ao seu lado, virando seu rosto para mim.

— Dora, Dora! — Chamo-a sem sucesso. — Pega a chave do carro! — digo à Agatha que sai em busca das chaves. Iço Dora do chão, carregando-a em meus braços. Acomodo-a no banco traseiro com a cabeça apoiada nas pernas de Agatha, e dirijo até hospital da cidade.

Agatha chora e grita pela mãe, numa mistura angustiante e comovente que corta meu coração. A morte é mesmo o nosso maior pesadelo, e ainda que seja tão natural quanto nascer; uma traz alegria, contentamento e felicidade; a outra traz tristeza, desestabilização e sofrimento.

A morte é capaz de nos tirar do centro, e transformar-nos em pessoas profundamente abaladas. É difícil assistir e não saber como arrancar de uma vez a dor dessas mulheres. Mas quem sou eu para tencionar curar alguém

dessa consternação, se eu amarguei por anos essa mesma agonia.

Chego ao hospital, salto do carro e corro para a recepção em busca de ajuda, duas enfermeiras vêm até mim perguntando o que houve. Aponto para meu carro, explicando que encontrei Dora desmaiada no chão. Não demora e os profissionais a estão tirando e colocando-a numa maca.

Agatha tem as mãos na cabeça e a face encharcada por lágrimas. Abraço-a, procurando aliviar toda esta tensão.

Meu Deus, ela está grávida! E desde que o pai morreu, poucos foram os momentos em que achei que tudo entrava nos eixos outra vez. Hoje foi um desses dias, nossa tarde foi incrível, pensei que ela estava praticamente recuperada e pronta para ter Angelina com a cabeça em paz.

Achei também, que apesar de Dora sentir com intensidade a morte do marido, sabendo que Agatha ficaria definitivamente na cidade; seu coração daria um salto em busca da remissão.

Sentamo-nos na recepção do hospital e esperamos por notícia. O tempo não passa, ao contrário disso, ele se arrasta pela noite. Agatha está abrigada entre meus braços, eu a afago esperando que isto seja o suficiente para que suporte essa espera angustiante.

Enfim, um médico aparece para falar conosco. Agatha se levanta, ansiosa e desesperada pela mãe.

— Os exames clínicos da sua mãe apontaram ingestão de benzodiazepínicos. Vimos pelo histórico que ela fazia uso do medicamento há algum tempo, ela pode ter se confundido com a dose, ou também pode ter ingerido de maneira proposital.

— Proposital? — Agatha pergunta, com a voz chorosa.

Quando Agatha abrange o que o médico quer dizer, ela sacode as mãos na frente dele.

— Não! É claro que não! Minha mãe nunca faria isso.

— É difícil saber. Acionei a profissional que a trata no ambulatório, ela virá falar com sua mãe pela manhã. No momento, não se preocupem porque ela está bem, está dormindo e em monitoramento.

— Posso ficar com ela?

— Por que não volta amanhã pela manhã? Será melhor — diz o médico com complacência.

Agatha segura minha mão e a aperta um pouco mais a cada dura palavra pronunciada pelo médico. Ela reluta por alguns minutos, mas aceita a sugestão do médico. Ao chegar em casa, vai direto ao quarto da mãe e começa a revirar a gaveta onde Dora guarda seus medicamentos.

— O que está fazendo, Agatha?

— Vou achar todas as receitas e descobrir tudo o que ela toma.

Sei que pode ser real a possibilidade indicada pelo médico. Já desejei a morte por muito tempo, implorei que ela viesse me buscar por todos os dias desde que Lara morreu. A mente de um enlutado profundo é diferente da mente de um enlutado comum, ela é confusa e afasta ao máximo o prazo de aceitação.

É quase impossível saber o que está acontecendo no coração e na cabeça de Dora, o quanto a saudade e a tristeza pela morte do marido a está consumindo. Dora visita seu túmulo ao menos uma vez por semana. Um indício de que ela não está bem.

Contudo, sei também que Agatha conseguiu me resgatar, ela me ajudou a aceitar o luto e seguir em frente, tenho certeza de que fará muito melhor por sua mãe. Por isso, não a impeço, apenas assisto que encontre e descubra tudo o que precisa para ajudar Dora.

Agatha praticamente não dormiu, estava agitada e desconsolada. Depois de encontrar as receitas da mãe, culpou-se ainda mais por sua ausência, por não estar por perto e não saber que Dora estava em tratamento desde muito antes do pai morrer.

Ela nunca passou por isso, nunca passou por uma densa crise familiar quanto a que vive agora, é nítido que Agatha se perde às vezes, intercalando momentos de decisão com momentos de choro por não saber o que fazer.

Meu coração chora com ela, ele se dilacera a cada lágrima que escorrega por sua face. Ainda assim, sinto-me forte e pronto para acolher e dar suporte à mãe e filha, suporte à essa família que cheguei de surpresa e agora também faço parte. Estou pronto para segurá-las em meus braços quando ameaçarem cair, pronto para mostrar que meu amor por Agatha é profundo e abrange tudo e todos ao seu redor.

— Bom dia — digo, quando a vejo abrir os olhos, depois de rolar e chorar na cama por horas a fio.

— Minha cabeça dói — murmura ela, passando as mãos pelo rosto.

— Fique na cama, vou trazer seu café e um dos analgésicos que o médico disse que está liberado para você tomar.

Agatha concorda fechando os olhos outra vez e ajeitando a cabeça no travesseiro. Saio para preparar um café da manhã reforçado com: ovos mexidos, um farto copo de suco de morango, mamão picado, fatias de bolo de laranja e um punhado de mix de castanhas.

— Obrigada — diz ela, quando chego com a bandeja. Ela joga o analgésico na boca e o engole com um pouco do suco, a seguir come os outros itens matinais.

— Você está melhor? — pesquiso, observando sua face.

Agatha nega com a cabeça e se levanta da cama, seguindo para o banheiro. Eu a espero, imaginando se toda essa inconstância que vive estará resolvida até o dia do nascimento de Angelina. Não demora muito e Agatha está vestida para sair, ela separa todas as receitas que encontrou da mãe e as coloca em sua bolsa.

— Por que vai levá-las?

— Quero entender o que minha mãe tem.

Dirijo para o hospital com Agatha em silêncio. Ela está com aquele mesmo semblante de quando saímos da cidade a primeira vez, o semblante em que seus lábios cerrados indicam que não há motivo para sorrir.

Estaciono o carro, e antes de descermos toco seu rosto com o dorso da minha mão.

— Independentemente do que os médicos disserem, lembre-se de que Dora tem a você, mas também tem a mim. Não guarde o que sente e não tente me afastar outra vez. Não pense que qualquer coisa relacionada a sua família não faça parte de mim, *ok*?

Ela acena com a cabeça, e inspira longamente o ar.

— Não vou te afastar, eu preciso de você.

Caminhamos juntos até a recepção e perguntamos por Dora. Poucos minutos depois, uma mulher na casa dos quarenta, vestida formalmente e com os cabelos presos num coque surge diante de nós.

— Você é a filha de Dora? — pergunta à Agatha, que confirma. — Sou a doutora Melina, psiquiatra do ambulatório. Sua mãe estava em tratamento comigo e ontem à noite recebi um telefonema do hospital dizendo que ela tinha dado entrada com rebaixamento do nível de consciência.

Agatha baixa a cabeça por um instante.

— Encontrei as receitas dela. Até ontem... eu não sabia...

— Temos uma sala reservada para conversar com os familiares, vocês podem vir comigo — diz ela, apontando para trás. Acompanhamos a médica que nos pede para sentar e se senta à nossa frente.

— Dora está se consultando comigo há aproximadamente dois anos, ela foi encaminhada pelo seu médico de rotina. A princípio, ela se queixava de cansaço e desânimo, exibia letargia e falta de prazer pelas coisas que antes eram prazerosas. Também se queixava que passou a se irritar com mais frequência, principalmente com seu pai. Foi diagnosticada com Distímia, um quadro leve de depressão, mas infelizmente, crônico.

— Distímia? — Agatha se inclina para frente.

— Sim. Geralmente quem convive com alguém nessa condição, atribui essa irritação ou letargia como características pessoais, por isso nem sempre é diagnosticada. Sua mãe estava respondendo muito bem a terapia. Eu pedi ao seu pai para vir ao meu consultório algumas vezes nesse período e ele também indicava as melhoras dela.

— Eu não sabia... eu... — Agatha leva as mãos aos olhos, afastando as lágrimas que voltam a cair.

— É comum os pais não dividirem tudo com seus filhos, e esses só descobrirem que algo não vai bem quando a situação chega num ponto de ruptura. Atendi sua mãe um mês depois da morte de seu pai, e percebi que era preciso mudar alguns de seus medicamentos. Uma perda repentina como essa, pode ser um gatilho importante para um problema maior.

Agatha esconde o rosto entre as mãos e chora. Afago suas costas, dizendo que tudo ficará bem.

— Não se desespere, Agatha. Conversei com Dora agora há pouco, ela me disse que não conseguia dormir e por isso tomou uma dose bem

maior do que receitei. Não é difícil acontecer, às vezes os pacientes não entendem que remédios controlados devem ser tomados exatamente como prescritos. Os remédios que ela toma, de uma forma geral, só trazem melhora, não tem de se preocupar com o uso continuado das medicações. De qualquer maneira, é importante que saiba que Dora está bem, mas faz pouco tempo que seu pai faleceu e... vai levar um tempo para ela assimilar a vida sem ele. Se for possível não a deixem sozinha...

— Ela não vai, estamos morando com ela. Decidi que vou ter minha filha aqui e Obe também vai ficar. — Agatha afirma para a médica, procurando minhas mãos.

— Isso é ótimo. Os remédios podem regular o sono, podem regular a química do cérebro, mas não substituem o apoio e a presença de vocês. A constância, perseverança e paciência de vocês será o melhor e mais importante remédio para fazê-la superar o luto e voltar à vida.

Ouçó o que a médica diz e acredito plenamente que ela tenha razão; a constância, perseverança e paciência de Agatha foram fundamentais para me trazer à vida pós-luto. Faremos o mesmo por sua mãe.

— Vamos liberá-la ainda nesta manhã, vocês podem ir ao quarto vê-la e esperarem pela alta. É importante frisar que não a tratem como uma pessoa incapaz de tomar decisões, ou seguir com sua rotina habitual. Dora está enfrentando uma fase ruim, mas que em breve vai passar.

— Ela vai ao túmulo do meu pai ao menos uma vez na semana e...
— Agatha começa a dizer.

— Sim, eu sei. Não posso revelar o conteúdo das conversas que tenho com sua mãe, mas a princípio não vamos proibir tais visitas, tudo bem? A expectativa é de que no decorrer dos meses elas se tornem mais espaçadas. Vejo que seu bebê não está longe de nascer, uma criança alegre

uma casa... talvez esse nascimento seja o que tirará Dora dessa tristeza mais rápido.

Ambos sorrimos, crentes de que Angelina será o anjo que fará todos nós plenamente felizes.

— Tudo bem ela ir para casa? — pergunto.

— Sim, ela está clinicamente bem.

Doutora Melina se levanta, estende uma mão para nos cumprimentar, e depois disso nos diz o quarto em que Dora repousa. Agatha está aflita para ver a mãe e anda apressada pelos corredores, olhando a numeração nas portas.

— É esta — diz, colocando a mão na maçaneta.

Antes de entrarmos seguro seu ombro, virando-a para mim.

— Não a trate como alguém doente, *ok*? Quando Lara morreu, isso era o que mais me incomodava. Eu só queria que as pessoas entendessem o quanto doía e respeitassem. Você foi a única que me enxergou além da camada de tristeza e foi isso que me ajudou a seguir em frente.

Agatha baixa o olhar e acena com a cabeça. Abraço-a mais uma vez e então estamos prontos para entrar. Dora está sentada na cama hospitalar de costas para a porta, observando o céu azul pela janela à sua frente. Ela só percebe que entramos quando Agatha murmura seu nome.

Dora exibe um sorriso fraco, e abre os braços para a filha.

— Mãe, por quê?... — Agatha corre até a mãe e a abraça, ela se molda ao colo de Dora como uma garotinha assustada.

— Não foi nada, eu só tomei meus remédios do jeito errado — diz Dora, afagando os cabelos da filha que chora com a cabeça apoiada em seus seios. — Não precisa chorar, não precisa...

Passo uma mão pelo rosto, tentando me manter imune a carga

emocional presente neste quarto, tentando não chorar como Agatha faz. Porém, é difícil vendo mãe e filha abraçadas dessa forma.

— Você me assustou, não faz mais isso, mãe. Não faz!

— Não farei. Eu prometo, meu amor. Não precisa chorar... não chore... — repete, com a filha cativa em seus braços.

Vários minutos se passam até que Agatha consiga se soltar da mãe. Eu me aproximo mais.

— Me desculpe por preocupá-los. — Dora estende uma mão para segurar a minha e olhando-me diretamente nos olhos diz: — Entendo agora como deve ter sido difícil para você quando sua primeira esposa morreu. Agatha me disse o quanto sofreu. Sei que você consegue entender o que eu sinto melhor do que ninguém.

Ela aperta os lábios para controlar o choro, respira e volta a falar:

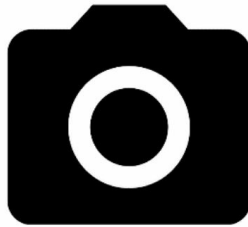
— Vendo você, como superou... creio que um dia vou superar também, mas esse dia ainda não chegou para mim.

— Vai chegar, Dora. Vai chegar o dia em que se lembrará dele sem esse aperto no peito, sem esse bolo na garganta.

Ela tenta sorrir, mesmo com o queixo tremendo pelo choro e continua:

— Vou esperar, vou esperar passar — diz, batendo carinhosamente sua mão sobre a minha

Solto sua mão para abraçá-la também. É reconfortante, é como se eu estivesse abraçando minha própria mãe, esse calor maternal que eu tão cedo deixei de sentir.



— Essa semana vai parecer um mês — Agatha reclama de braços cruzados.

— Vai passar num piscar de olhos. Se lembrar de algo mais que tenho que trazer de casa, me avise até quinta. É o dia que a empresa de mudança irá até lá.

— Você avisou o Pedro? Ou terei que ir para receber o caminhão?

— Ele receberá para nós.

Beijo-a em despedida, entre meus lábios Agatha sussurra:

— Eu te amo, pai da minha filha.

Sorrio com sua impertinência.

— Também te amo, mãe da minha filha. Qualquer coisa me liga que volto correndo.

— Posso ligar amanhã?

— Vai me ligar se algo sério acontecer.

— A saudade que vou sentir é *supersério* — responde, fazendo cara de inocente.

— Procure distrair sua mãe, você é boa nisso — digo, beijando-a novamente.

Quando estaciono de frente ao estúdio, observo-o por alguns minutos; relembro do tempo em que passei aqui com Lara, do tempo em que o abandonei e fui viver sozinho pelo mundo, e do tempo em que Agatha o dividiu comigo.

Meu telefone começa a vibrar, sorrio quando o vejo o nome de Agatha aparecer no visor.

— Você já chegou? Estou com saudade, volta amanhã? — murmura, num tom meloso.

— Por mim nem teria saído daí — respondo, saindo do carro.

— Avisei o Roger que você está na cidade, ele disse para ir jantar com eles.

— Por que você o avisou, Agatha? Ele vai ficar no meu pé a semana inteira, estava programando de vê-los um dia antes de ir embora.

— Foi por isso mesmo que eu o avisei, sabia que faria algo assim.

Suspiro jogando a cabeça para o alto.

— Eu já tive alguma chance contra você?

— Contra mim? É claro que não! — informa, rindo.

— Dora está bem? — pergunto, mudando para um assunto mais sério.

— Assim que você saiu nós fomos fazer as unhas e cabelo. Ela mudou a cor do dela. Está linda.

— Tenho certeza — afirmo, sabendo que mãe e filha partilham dos mesmos traços e que ambas são lindas.

Desde que Dora passou pelo hospital, tem se esforçado para

transparecer à Agatha que está bem. Mas eu sei que não é tão fácil, sei que Dora tem uma longa caminhada pela frente. Entretanto, sei também que seu esforço não é em vão, ela deu o primeiro e mais doloroso dos passos até se sentir inteira novamente.

Depois de separar o material que usarei amanhã no estúdio do que já posso encaixotar, fecho o estúdio e vou para casa tomar um banho e mudar de roupa. Contrariando minha mulher, passo uma mensagem de texto para Roger cancelando e remarcando o jantar, porque hoje vou visitar meu pai e irmão.

Ando pelos cômodos, e noto como é fácil sair dessa cidade para me instalar em Elpizo. Basta que Agatha esteja ao meu lado para eu chamar qualquer lugar de *lar*.

— Porra, irmão! Faz tempo que não vem aqui! — Ítalo grita, ao me avistar abrindo o portão.

— Não faz tanto tempo assim — digo, abraçando-o. Ele me aperta e bate em minhas costas.

— E a Agatha, como está? — pergunta, alterando o semblante entusiasta para mais sério.

— Está melhor.

— Por que não a trouxe com você?

— Vamos entrar e conversar? — peço, apertando seu ombro e levando-o para dentro.

Antes de dar a notícia de que estou me mudando para a cidade de Agatha, subo para ver meu pai. Ao avistá-lo, vejo que continua na mesma situação, os médicos dizem que a doença degenerativa estacionou, mas se deteve num quadro bem ruim e irreversível. Ele mal ouve, mal vê, não se lembra de nós, alimentação é via sonda e requer cuidados dia e noite

divididos entre duas enfermeiras. Acarinho sua mão esquelética de pele rugosa, tenho vontade de dizer tanta coisa, mas nunca consigo dizer muito.

— Oi, pai. Minha filha logo vai nascer, queria que estivesse bem para conhecê-la — murmuro as palavras, pensando em como sua personalidade rígida se abrandaria diante de uma neta. Talvez a única, já que Ítalo se recusa a pensar em casamento ou filhos.

Resvalo os dedos pelos poucos fios brancos em sua cabeça, pensando se viver através de tubos e sondas pode ser chamado de *viver*. Saio do quarto e encontro Ítalo na cozinha abrindo uma garrafa de vinho.

— Vai beber? — pergunto.

— Nós vamos — diz ele. — Estou comemorando um contrato que fechei para a construção de um grande empreendimento. E já que está aqui vamos comemorar juntos.

— Só uma taça — digo.

— Quem te viu, quem te vê. — Ele ri, enquanto me serve. — Agatha está em casa? — pergunta, colocando sobre a mesa porções de presunto de Parma, salame, queijos e uma cesta de pães.

Quem vê Ítalo ao meu lado, nunca pensaria que somos irmãos. Ele se parece mais com Roger, o mesmo estilo certinho de se vestir e portar, além de dividirem a mesma profissão.

— Está com a mãe.

— Quando volta?

— Não volta. — Ele arregala os olhos, arrastando uma cadeira para se sentar.

— Vocês terminaram? O que você fez para ela? Não acredito, Oberon!

— Por que acha que eu fiz alguma coisa? — indago, mastigando um

pedaço de queijo.

— Bom, você nunca foi muito fácil de lidar... — começa ele, desviando o olhar.

— Acha mesmo que sou tão difícil assim?

— Acho — diz, sem meias palavras.

Sorvo metade do vinho na taça.

— Você não é tão melhor que eu, Ítalo — contesto. — Dora está passando por uns problemas e não tem condição de Agatha deixá-la sozinha. Eu também vou me mudar para lá.

— Sério? — Seus olhos arredondados aumentam ainda mais.

— Aluguei um salão na cidade, estou aqui para organizar nossa mudança.

— Putz! Por essa eu não esperava. Não vou conhecer minha sobrinha? — averígua ele, cabisbaixo.

— Não estamos mudando de planeta. É só dirigir até lá, passe uns dias com a gente. Sabe como Agatha e Dora gostam de casa cheia.

— Uau! Por essa eu realmente não esperava. Bom, desde que esteja feliz viva onde quiser, irmão. — Ítalo ergue a mão como numa queda de braço para me cumprimentar.

— Estou feliz — asseguro, aceitando sua mão.

Abro os olhos e então percebo que meu corpo não está mais acostumado ao álcool. Bebi três taças em vez de uma, mas parece que ingeri três garrafas. Acabei dormindo na casa do meu pai, na cama que ocupei

durante minha adolescência até o dia de me casar. Mexo-me sentindo meus músculos doloridos, o colchão velho e duro acabou com a minha noite.

Na cozinha, encontro um bilhete de Ítalo dizendo que saiu para o trabalho e que me visitará em breve, que eu não conseguirei impedi-lo de conhecer a sobrinha. Sorrio, deixando outro bilhete com o endereço de Dora, dizendo que a sobrinha vai adorar conhecer seu único tio.

Antes de sair, dou uma olhada em meu pai novamente. Encontro Sara, a enfermeira encarregada de seus cuidados durante o dia. Digo a ela que estou de mudança, mas que poderá me ligar a qualquer hora.

O dia passa rápido no estúdio, mal consigo conversar com Agatha para adiantar as fotos mais urgentes que preciso enviar. Quando dou por mim já é noite.

— Se você não viesse hoje, eu iria até sua casa — avisa Roger, esperando-me na entrada.

— Eu sei, eu sei... — respondo, caminhando por seu jardim.

— Obe! — Eli passa por Roger e me abraça.

— Você está bem? Ainda não pensou em se separar de Roger? — pergunto, retribuindo seu abraço.

— É claro que não! — Ela responde rindo.

— Impressionante — rebato, estendendo uma mão ao meu amigo. Ele a ignora e me dá mais um daqueles abraços de urso que tanto gosta de distribuir.

Entramos os três, em sua sala me sento no confortável sofá de veludo.

— Estou cansado — murmuro, recostando-me.

— Por que não me avisou, teria ido ajudar? — diz ele, sentando-se ao meu lado.

— Muito do que fiz até agora, só poderia ser feito por mim.

— Sei! Se Agatha não tivesse me avisado que estava na cidade, viria aqui? — pergunta, evidenciando estar ofendido.

— É claro que sim, mas não hoje. Hoje eu dormiria o que não consegui dormir desde que saí de Elpizo.

— Nada de dormir — diz Eli, da sala de jantar. — Vamos comer antes, Roger e eu preparamos pato com laranja, arroz, batata e legumes na manteiga.

— O cheiro está ótimo — digo, ainda recostado.

Roger me estende uma mão que aceito de bom grado para levantar de seu sofá e caminhar até a sala de jantar.

— Está bom mesmo — falo, comendo sem cerimônia.

Enquanto jantamos, nenhum dos dois cita Agatha ou Dora, o que é bem estranho. Os conheço tão bem quanto eles me conhecem, por isto tenho certeza de que estão preparando o terreno para me dar algum bote.

— O que estão tramando? — pergunto, quando Eli começa a servir a sobremesa.

— Nós? — indaga Roger, levando uma mão ao peito.

— Que ideia, Obe! Não estamos tramando nada — rebate Eli, visivelmente nervosa.

Coço o queixo, inclinando a cabeça e estreitando os olhos. Chega a ser engraçado ver os dois com medo de me falar o que quer que seja.

— Conheço vocês. Desembuchem.

Um olha para o outro, Roger começa:

— É que a Eli estava pensando...

— Eu estava?! Você também... — reclama ela, dando um tapa no

braço do marido.

— Que talvez... — continua ele, alisando o lugar do tapa. — a gente possa voltar com você e esperar pelo nascimento de Angelina. Eli está de férias e eu consigo tirar um mês também...

— Tudo bem — respondo, levando à boca uma garfada da torta de maçã.

— Tudo bem?! — Os dois perguntam em uníssono.

— Por que esse drama? Achei que estavam planejando algo muito pior, como ficarem na casa de Dora por um mês inteiro.

Assustados, eles arregalam os olhos. Percebo que não entenderam a piada.

— Estou brincando, entendi que vão ficar um mês com a gente e tudo bem, de verdade. Agatha e Dora vão gostar.

Aliviada, Eli solta o ar preso em seus pulmões.

— Você não serve para fazer essas brincadeiras, Obe. Achei mesmo que...

— Achou o quê? Que não quero vocês com a gente? É claro que quero, Angelina vai nascer e não será a mesma coisa sem vocês por perto.

— Verdade? — Eli enrubesce e sorri.

— Verdade.

O caminhão com meus pertences partiu ontem. Hoje, completamente vazio, só me resta olhar para este lugar onde me tornei o profissional que sou.

Quando Lara morreu e eu parti para viver pelo mundo, a única coisa que fiz foi trancar a porta. Sabendo que tudo estaria do mesmo jeito não importando quantos anos eu demorasse para voltar.

Desta vez, não é assim, eu fecho a porta sem ter ideia se um dia voltarei a abri-la.

E mesmo que seja uma sensação estranha, ainda assim, estou feliz em recomeçar em outro lugar, e não qualquer lugar. Estou indo para a cidade onde Agatha nasceu e cresceu, a cidade repleta de memórias afetivas, recheada de lugares incríveis. O lugar onde sua mãe ainda vive, o lugar onde Angelina nascerá e crescerá para se encher de memórias assim como sua mãe e avó.

Diferentemente de Agatha, eu não posso dizer que tive tão boas memórias; a morte da minha mãe, a severidade do meu pai, a morte de Lara... Fecho os olhos por um minuto, então passo a corrente com cadeado nas portas duplas do estúdio, encerrando de vez esse ciclo.

Não demora muito e Roger buzina de frente à minha também ex-casa. Objetos pessoais meus e de Agatha irão no porta-malas do carro, eletrodomésticos e portáteis foram no caminhão da empresa de mudança. E o que sobrar, Roger e Eli irão guardar no depósito que têm em casa.

— Está pronto? — pergunta ele, descendo animado de seu carro.

Roger usa uma bermuda de sarja listrada em azul, uma camiseta polo branca, e nos pés mocassins também em azul. Imediatamente, lembro-me de como o chamavam na escola.

— E aí, marinheiro? Parece que vai dar um passeio de iate.

Ele relanceia por si e dá de ombros.

— Estou de férias. E não me chame assim, você sabe que detesto esse apelido.

Sorrio e bato em seu ombro.

— Vamos, a viagem é longa. Quando quiserem parar, sinalizem com o pisca alerta.

— Não acredito que estão aqui — Agatha grita, correndo em direção ao portão à medida que segura a barriga com as mãos.

— Queríamos fazer uma surpresa — diz Eli, indo em direção a amiga. As duas se abraçam por um longo tempo. Roger se junta a elas, transformando num abraço triplo.

Quando eles se cumprimentam o suficiente, Agatha vem até mim.

— Senti sua falta — diz, inclinando sua face em direção à minha.

— Senti a sua também, amor — confirmo, abraçando-a e beijando-a brevemente. — Está tudo bem? Dora está bem? — pergunto, verdadeiramente preocupado com sua mãe.

Não sei explicar bem o que sinto por Dora, talvez por eu ter perdido minha mãe cedo demais e ter crescido sem o carinho maternal, apeguei-me a ela com facilidade. Dora é uma mulher incrível, e neste momento, meu desejo mais profundo é que ela se recupere o quanto antes da perda de seu marido.

— Sim, ela não foi ao cemitério esta semana — conta Agatha, feliz. — Nós saímos para comprar mais roupas para Angelina, fomos ao salão de beleza e ao cinema. Você acredita que fazia anos que minha mãe não ia a um cinema? Eu não sei se estou ajudando, mas eu acho que sim...

Com seu rosto entre minhas mãos, Agatha me conta acalorada os passeios que teve com a mãe. Ela sorri enquanto fala, o sorriso magnético

que fez com que eu me apaixonasse perdidamente por ela, o sorriso que não posso viver sem ter, o sorriso que me mantém na luz.

— Oh, meu Deus! Temos visitas? — Dora aparece na entrada da casa, passando as mãos pelos cabelos e pelas roupas. Eli e Roger seguem para cumprimentar Dora e mais abraços são distribuídos afetuosamente.

— Desculpe vir sem avisar, Dora. Queríamos fazer uma surpresa para Agatha.

— Imagine se precisam se desculpar por isso. Essa casa é da Agatha também, podem ficar quando tempo quiserem. Confesso que não gosto de casa vazia, e quando meu marido... bom, achei que morreria sozinha neste lugar. Estou feliz que estão todos aqui.

De repente, a casa de Dora mais se parece com uma pousada cheia de hóspedes. De pé com o ombro apoiado no batente, assisto Agatha contar para mãe sobre o dia em que conheceu Roger e como disse a Eli que ele era perfeito para ela. Roger ouve Agatha descrevê-lo orgulhoso como um pavão. Baixo e meneio a cabeça sem acreditar em como ele é vaidoso.

— Roger e Obe se conhecem desde criança, mãe — continua Agatha. Atenta, Dora ouve com um sorriso imenso no rosto.

Ela é tão forte quanto a filha, conviver com elas me deixa forte também. Se nos meus piores momentos, eu tivesse aceitado o amparo e a presença das pessoas ao meu redor... talvez não tivesse vivido amargurado por tanto tempo. Mesmo sofrendo, Dora não afasta as pessoas, pelo contrário, ela as aceita em sua vida, aceita tudo o que de bom elas possam oferecer.

— Vem, filho. Vem comer — articula Dora, chamando-me com a mão.

É a primeira vez depois da morte da minha mãe que ouço uma voz

tão doce me chamar de *filho*. Fico um pouco atordoado com a maneira maternal como se refere a mim, mantendo-me estático no lugar.

— Obe, meu filho, vem comer — insiste ela, sem ter ideia de que acabara de me conquistar e tomar meu coração por completo.

Assim passamos o tempo, todos sentados à mesa; comendo, conversando, rindo, aproveitando a dádiva de estar entre pessoas que se importam, de pessoas que fazem a diferença em nossas vidas.



PARTE III

Minha adaptação vivendo oficialmente com Agatha na casa de Dora é melhor do que jamais pensei, é como se eu finalmente entendesse o real significado de família e o quanto esta palavra é abrangente.

Não que eu não tenha este sentimento em relação ao meu pai e irmão, mas era diferente. Sem minha mãe por perto, meu pai dedicou o que pôde para nós. Contudo, para um garoto ainda imaturo na época, era extremamente difícil compreender seus pontos e questões.

Minha vida com Lara também foi especial, meu amor por ela não compete com o amor que sinto por Agatha, e a vida que tivemos fará eternamente parte de mim. Entretanto, ela se foi antes que pudéssemos ter filhos ou viver aquela sensação plena da construção de uma família.

Não sei quanto tempo passaremos com Dora, e nem vou me ater a dias, meses ou anos. Estou feliz por estar aqui, feliz por Agatha estar se recuperando, feliz que a cada dia Dora caminha na direção de cura à sua dor. E se não me bastasse esta sensação plena de felicidade, ainda tem Angelina chegando.

A suíte que ocupamos na casa de Dora é grande o suficiente para que Agatha e eu tenhamos conseguido preparar o espaço que em breve receberá Angelina; o berço branco decorado em rosa, a poltrona confortável para Agatha amamentar, o roupeiro cheio de peças de roupas e sapatos minúsculos... que não vejo a hora de ver minha filha usando.

— O que foi? — pergunta Roger, entrando no quarto. Ele e Eli estão conosco há duas semanas.

Segundo a médica, Agatha completou trinta e nove semanas de gestação e Angelina poderá chegar a qualquer minuto. Estamos todos apreensivos, contando cada segundo.

— Estava apenas pensando.

— Olhando para você... para Agatha com esse barrigão, para o berço de Angelina... fiquei com vontade de tentar também, acho que está na hora de Eli e eu pensarmos em ter um bebê — anseia Roger, parando ao meu lado.

— Se estiverem prontos? Não vejo obstáculos.

— Sei lá, a gente trabalha tanto. Não temos tempo para nada — continua ele.

— Quando estiverem realmente prontos vão arrumar tempo. Além do mais, você tem sua mãe, Eli tem a dela, e todos vivem na mesma cidade. Não faltará avós e avôs correndo atrás de vocês para ajudá-los.

— Pode ser — suspira ele, aproximando-se do berço de Angelina. Ele gira um dos ursinhos presos no móbile colorido.

— Vou com Eli até o restaurante do Pedro — informa Agatha, entrando no quarto. Sua barriga está literalmente enorme e eu não entendo como ela ainda consegue andar, e inventar lugares para ir.

Confesso que Pedro é um cara prestativo, educado e me ajudou recebendo e descarregando meus equipamentos no salão, que por fim aluguei. No entanto, toda vez que ouço Agatha falar seu nome, um formigamento irradia a partir das minhas mãos.

— Quem é Pedro? — Roger pergunta, intercalando o olhar entre Agatha e eu.

— O ex-namorado dela — respondo.

— *Aish!* Não começa, Obe — Agatha entorta os lábios em minha direção.

— Quê? E o que Eli quer com ele?

Roger se mostra confuso e Agatha voluntariosa se põe a explicar.

— Pedro e eu namoramos até o primeiro ano de faculdade. Eli também o conhece. Conteí para ela que Pedro voltou a viver aqui na cidade e ela quer ir vê-lo — elucida olhando para Roger. — Ela aproveita para conhecer o estúdio, já que você só levou Roger até lá — conclui olhando para mim.

— Você deveria ficar em casa, Agatha. Angelina pode... — arrisco argumentar.

— Por isso mesmo vou levar Eli agora. Quando Angelina nascer, não terei tempo para mais nada.

— Por que Eli quer ir ver seu ex-namorado? E o que o estúdio de Obe tem a ver, é perto? — Confuso, Roger interpõe o olhar entre Agatha e eu.

— Alugamos o salão de Pedro para o estúdio, e o restaurante dele fica na frente — ilustra Agatha.

Roger ri, com o indicador apontado para mim.

— Você alugou o salão do ex dela?

Esfrego as duas mãos no rosto, tentando ignorar a gozação de Roger. Caminho até a cômoda e apanho as chaves do meu carro.

— Vocês não vão sozinhas, Roger e eu vamos também — digo, passando por ela.

No fim das contas todos nós viemos visitar Pedro, inclusive Dora, que conversa à vontade com o ex-genro. Mesmo sabendo que não tem nada demais, ainda assim, sinto uma coceira se espalhar pelo meu corpo com ele tão perto de Agatha.

— Que coincidência, meu Deus! — Eli diz, levando as mãos à boca.

Agatha, Dora, Eli e Pedro parecem ter muito o que falar. Roger e eu sobramos.

— Não sabia que Eli também era amiga dele? — Roger indaga, explicitando seu desconforto. — Não sei se iria gostar de Eli tão perto do ex-namorado — complementa, sem tirar os olhos deles.

— Não tem nada demais — respondo, sorvendo meu refrigerante.

— Engana outro, Oberon! Vai dizer que não está sentindo nada com esse homem sendo a atenção entre as mulheres? Até Dora está lá.

Finjo não me incomodar com sua análise precisa de nossa situação. Neste exato momento, estamos os dois largados e Pedro é de fato o centro das atenções.

— Não estou — minto.

Roger desiste de me fazer juntar a ele, ao menos declaradamente, e volta a comer seu lanche.

— A comida é boa pelo menos — diz, por fim, mastigando seu lanche com certo desdenho.

As mulheres obrigam Pedro a se dividir entre o gerenciamento do espaço e a atenção dedicada a elas que tão divertidamente conversam com ele. Impaciente, Roger tem as mãos cruzadas batendo os polegares um no outro. Ele sussurra reclamando com a quantidade de tempo que as mulheres dispensam a Pedro.

— Para de ser ciumento, Roger — ressalto, procurando fazê-lo provar do mesmo veneno que provei quando conheci Pedro.

— Não sou ciumento. Só não gosto de ver outros homens tão pertos da minha mulher.

— Isso é ciúme — afirmo, com um sorriso de canto.

— Não é não, esse Pedro que é bem sem noção — queixa-se, erguendo irritado a mão direita para pedir uma cerveja.

— Confessa que está morto de ciúme, Roger.

Ele me encara com faíscas saindo de seus olhos e chama a mulher.

— Eli.

Eu sorrio de cabeça baixa, assistindo sua tentativa fracassada de tirar Eli da roda de conversa.

— Não fala nada — reclama ele, apontando-me um dedo.

Ergo as mãos em sinal de paz. Suprimindo a vontade de gargalhar na cara dele.

— Ai! — Agatha segura a barriga e faz uma careta.

Imediatamente, a conversa animada cessa e todos olham para baixo.

— O que foi? — pergunto, levantando-me da cadeira.

— A bolsa estourou. — Dora diz, preparando-se para sair.

— Ai, meu Deus! E agora? — exclama Eli, com as mãos na cabeça.

— Angelina vai nascer! Obe, vamos levá-la para a maternidade. Eli e Roger vão até minha casa pegar a mala de Agatha e de Angelina, está tudo pronto ao lado do berço. — Dora comando o que cada um deve fazer.

Ao entrarmos no carro, Pedro acena da porta de seu restaurante pedindo para eu ligar quando a bebê nascer. No caminho, Agatha geme, evidenciando que a dor piora a cada par de minutos. Do celular, Dora avisa a obstetra que está seguindo com a filha para a maternidade. O trajeto é rápido e logo estou ajudando-a a sair do carro.

Sua mãe preenche os documentos na recepção, enquanto Agatha se agarra a mim. Perdido, não tenho ideia do que dizer ou fazer. Mesmo que eu tenha buscado informação sobre a gestação; agora que tudo está prestes a se

concretizar, meu cérebro entra em pane.

— Vamos levá-la para o quarto — informa Dora, com uma enfermeira ao seu lado, empurrando uma cadeira de rodas.

— Ai, ai, ai! — Agatha continua a gemer.

Meu nível de ansiedade está nas alturas por vê-la sentir dor.

— Não pode dar um remédio? — imploro a enfermeira que sorri ao me ver desesperado.

— Vamos aguardar a avaliação da médica.

— Ela está com dor, muita dor — pleiteio, sem sucesso.

— Calma, Obe. — Dora apoia uma mão no meu ombro.

Passo a mão pelo rosto, esgrouvinhando minha barba, tamanha a aflição por não poder fazer nada. Instalada no quarto, Agatha continua a gemer sobre a cama.

— Cadê essa médica? — pergunto a Dora. Agatha segura minha mão e a cada nova contração ela a aperta com tanta força que meus dedos adormecem.

— Não se preocupe, Obe. Fiquei doze horas em trabalho de parto para Agatha nascer. Pensei que essa menina não sairia nunca de dentro de mim. — Dora se mantém tranquila diante do lamento de Agatha.

— Sem remédio? — indago, apavorado.

— É claro! Naquele tempo não tinha remédio para parto normal não.

Dora se aproxima da cama e, sorrindo, passa as mãos pelo cabelo da filha.

— Quando Angelina nascer a dor vai desaparecer e, você nem se lembrará que um dia a sentiu. Aguenta, porque a recompensa faz tudo valer a pena.

Mulheres são, de fato, os seres mais incríveis que a natureza pôde criar. Como Dora pode estar sorridente diante dos gemidos agoniantes de Agatha?

A médica entra no quarto, vestindo uma luva e, também sorridente cumprimenta Agatha, Dora e a mim. *Meu Deus, por que essas mulheres sorriem?*

Ela dobra as pernas de Agatha que já está vestida com um avental bordado com o nome da maternidade e começa a fazer o exame de toque, verificando sua dilatação.

— Perfeito! Sua filha está quase chegando, Agatha.

Depois disso, novas enfermeiras aparecem e me vestem com avental e touca. Dora é retirada, pois só autorizaram um acompanhante para a hora do parto. As vozes se misturam na minha cabeça, eu não consigo focar em uma coisa apenas; Agatha geme, grita e aperta minha mão, a médica sorridente dá comandos, enfermeiras falam de assuntos aleatórios enquanto preparam outras coisas pelo quarto.

Sinto-me tonto, e apesar de forte e desejoso de estar aqui, também estou em pânico com cada grito reverberado por Agatha. Vejo colocarem um acesso intravenoso no braço de Agatha, mas não tenho ideia se dentro daquele soro tem algum remédio para tirar a dor da minha mulher.

Os gritos se intensificam, os comandos da médica se tornam mais fortes, enfermeiras se amontoam para ver o que acontece entre as pernas de Agatha, como se ali transmitissem o último capítulo da novela.

Meu corpo inteiro treme, meus olhos embaçam. Ainda assim, não deixo que Agatha note que estou sofrendo com ela, quero que se lembre de mim forte ao seu lado, quero que se lembre de mim como o homem que segurou sua mão e estará ao seu lado em todos os momentos de sua vida.

E, finalmente, eu escuto.

O choro forte, alto e estridente de Angelina ressoa pelo ambiente, fazendo com que as profissionais sorrissem mais abertamente e nos parabenizem.

Agatha pende a cabeça no travesseiro e suspira, diante todo o esforço físico e mental que este momento demandou. Ela respira fundo, com lágrimas escorrendo pela lateral de sua face.

— Angelina nasceu... Angelina nasceu... — repito, beijando sua testa.

— Olha que menina linda! — Uma enfermeira traz até nós uma bebê de olhinhos apertados e muito cabelo.

Agatha estica os braços, recebendo Angelina pela primeira vez. Ela não diz nada, apenas sorri com seus olhos banhados em lágrimas. Seus dedos resvalam sobre os fios escuros e espetados da menor cabeça que eu já vi.

— Tente amamentá-la — diz a médica. Agatha olha assustada para a profissional sem saber como agir.

Com um pouco de ajuda, não demora a Angelina sugar o seio de Agatha. Fico impressionado em como um bebê que nasceu há poucos minutos, é capaz de sugar com tamanha agilidade.

— Oi, meu amor! Eu sou sua mamãe e esse é seu papai — Agatha sussurra para Angelina. Eu me abaixo para ficar na altura de Agatha, passando um braço ao redor dela.

Nunca vou me cansar de dizer que Agatha é a pessoa que enche minha vida de luz, e agora com Angelina nos braços; não tenho palavras suficientes que descrevam o efeito arrebatador que estou experienciando.

É impossível não notar como o tempo é mutável. O tempo tem o

poder de nos destruir, mas também de nos colocar de volta no lugar. Aquele que perceber o poder do tempo, entenderá que ele é quem rege tudo e todos. É ele quem controla quem nasce e quem morre, quem é feliz hoje e quem chora amanhã. E apesar de ser cruel algumas vezes, é também gentil e compreensivo; esperando que cada um de nós viva em nosso próprio tempo.

O meu tempo de ser feliz começou quando Agatha chegou à minha vida. E a partir de agora, com Angelina, minha felicidade não tem prazo para acabar.

Porque somos repletos de *vida*.

Agradecimentos

Agradeço a cada leitora e leitor que puderam fazer de Sem Vida o livro que se tornou o divisor de águas na minha carreira, este livro me abriu tantas portas e janelas que serei eternamente grata a todos que um dia deram uma chance para Oberon e Agatha.



Conheça também!

As cores do Coração

Disponível em e-book e livro físico.

*Um romance que nos faz viajar por um mundo
onde o amor é o sentimento que rege todos os outros.*

DANI ASSIS

As cores do coração

 **HARLEQUIN**

Enquanto o artista plástico Vittorio passa os dias olhando para o teto de um hospital à espera de um transplante de coração, a corretora de seguros Antonella recebe uma terrível notícia: seu namorado, que acaba de sofrer um acidente, não sobreviverá. A família decide doar seus órgãos. Depois de quase um ano, Vittorio entra de surpresa na vida de Antonella. Seus corações batem mais forte, é impossível ignorar a atração que sentem. Mas uma dúvida impede que ambos mergulhem nesse amor: Antonella ama Vittorio ou seu coração? As Cores do Coração é uma história sensível e instigante, para todos aqueles que acreditam no amor.

Avaliações:

[5,0 de 5 estrelas](#)

[Surreal!!](#)

Todas as vezes que me deparo com uma obra da Dani, fico me perguntando o que vou encontrar?! Aí começo a ler essas lindezas... cada página escrita com tanta magia, com tanto amor, com tanta delicadeza... que chega direto ao nosso coração!!! E realmente o pinta de todas as cores! Como descrever Antonella e Vittorio?!! Não existe descrições suficientes, pois são tão complementares e singulares como um todo, bom sofri e chorei junto, senti cada emoção de cada um, e acima de tudo acreditei que o amor seria pintado nas telas da vida de cada um!!! Parabéns, Dani pelo excelentíssimo trabalho!!

[5,0 de 5 estrelas](#)

[Maravilhosos](#)

Sensacional. Nossa sem palavras pra descrever o quão maravilhoso é. Como sempre Dani Assis nos surpreendendo.

[5,0 de 5 estrelas](#)

[Não deixe as cores da sua vida desbotar!!!](#)

Difícil expressar em palavras a minha emoção em cada página lida desse livro... Tenho lido muitos livros e posso dizer sem medo de errar que esse está na lista dos meus preferidos. A história nos faz pensar o quanto a vida é importante e que quantas pessoas estão lutando por ela no desejo de viver mais um pouco, de realizar seus pequenos e grandes sonhos. Esse livro é um aprendizado, nos ensina o quanto a vida é importante!



Biografia

Dani Assis é uma paulistana que ama os dias ensolarados e de céu azul. Apaixonada pelos livros desde muito nova, foi apresentada a eles por meio dos contos dos irmãos Grimm. Quando adulta, encontrou na escrita sua principal fonte de paz e calma. Escreve sobre personagens verdadeiros que aquecem e emocionam o coração de quem lê, trazendo ao leitor um envolvimento único com suas histórias. Acredita que os finais felizes são uma busca constante. Por isso, ao menos nos mundos que cria, a jornada pode ser difícil, mas não aceita nada menos que o “felizes para sempre” a seus personagens. Vive em São Paulo com marido, filho, cachorro e passarinho.

Redes sociais

Instagram [@daniassisautora](#)

Facebook [@daniassisautora](#)

Grupo Facebook [@facebook/groups/daniassis](#)

É autora dos livros: Sem Vida, Sem Caminho, Pássaro Liberto, As Cores do Coração e Vida.